

CEDI - P. I. B.
DATA 12, 06, 86
COD MGD 03

NOVA PROPOSTA

PARA A RESERVA

MEKRANOTÍ - BAÚ (2nda D.R.)

por Gustaaf Verswijver

Bélgica, 10.07.1981

C O N T E Ú D O :

1. <u>introdução</u>	4
2. <u>a etnia</u>	5
2.01. as aldeias e a localização.	5
2.02. a população: aspéctos demográficos.	8
2.03. sociedade e adaptação ecológica	15
2.04. contatos intertribais Mekranoti- Txukarramãe	18
2.04.01 entre os índios dos postos Bau e Mekranoti	18
2.04.02 entre os Mekranoti e os Txukarramãe	20
2.04.03 entre os Txukarramãe e os índios do Bau	20
3. <u>história tribal e ocupação da área (P.I. Mekranoti)</u>	21
3.01. história tribal no século XX.	21
3.02. ocupação e perambulação.	24
3.02.01 a caça.	24
3.02.02 a agricultura	27
3.02.03 a pesca	28
3.02.04 a colheita.	29
3.03. área de perambulação	33
4. <u>as propostas existentes para a reserva Mekra- noti-Bau.</u>	36
4.01. a prposta na década de 1960.	36
4.02. a proposta de 1972	37
4.03. a proposta de 1976.	38
4.04. a proposta de 1977	38
4.05. a proposta de 1979	43
4.06. recapitulação.	43
5. <u>modificações recentes na área.</u>	45
5.01. o posto Candoca.	45
5.02. os castanhais.	46
5.03. as canoas.	47
5.04. problémas económicas	47
5.05. a saúde.	48
5.06. conclusão	48

6. <u>problemas recentes na área</u>	49
6.01. a companhia Mineiradora São Benedito.	49
6.02. a fazenda do Rio Iriri.	49
6.03. vizinhos na área de perambulação.	50
7. <u>uma nova proposta</u>	52
7.01. a problemática de uma proposta para re- serva Mekranoti-Bau	52
7.02. modificações na área.	53
7.02.01 a mudança da aldeia.	53
7.02.02 o Posto Candoca.	56
7.02.03 área que os Mekranoti consideram deles	57
7.03. a reserva Mekranoti-Bau:nova proposta	57
8. <u>conclusão</u>	61

L I S T A D A S F I G U R A S :

fig.1	mapa das aldeias Mekranoti-Txukarramãe	5(b)
fig.2	tabela indicando evolução demográfica dos grupos Mekranoti-Txukarramãe (1940-1980)	12
fig. 3	gráfica da evolução demográfica dos grupos Mekranoti-Txukarramãe (1940-1980).	13
fig. 4	extrevaída	
fig. 5	mapa indicando áreas de castanhais e roças	34
fig. 6	mapa indicando áreas de caça, pesca e migra- ções.	35
fig. 7	a reserva proposta em 1972.	39
fig. 8	a reserva proposta em 1976.	40
fig. 9	a reserva proposta em 1977.	41
fig. 10	a reserva proposta em 1979.	42
fig. 11	tabela recapitulando as propostas para reserva.	44
fig. 12	área que os Mekranoti-Txukarramãe consideram deles	58
fig. 13	mapa indicando nova proposta para reserva Mekranoti-Bau.	60

1. I N T R O D U C Ã O

Soube da FUNAI, fim de 1980, que a minha última proposta para uma reserva para os índios Mekranoti dos Postos Indígenas Mekranoti e Bau não foi aceita por ser grande demais.

De fato, eu já tinha pessoalmente discutido sobre esta proposta minha com várias pessoas. Porque eu também achei esta área de uma extensão enorme para 2 aldeias só. O problema é que corresponde a área de perambulação destes índios.

Procurei então uma maneira para poder reduzir esta área proposta. Descobri que há 2 fatores principais que tem-se de considerar os motivos maiores para esta superfície enorme da reserva. São a vida econômica desta tribo e a criação pela FUNAI (2nda D.R.) de um posto distante à mais de 120 quilômetros fora da área de perambulação destes índios.

Neste relatório sugiro então umas modificações para melhorar a vida econômica desta tribo e uma modificação à respeito do referido posto. Assim chega-se à uma proposta não de 13500 km² (como era em 1979) mas sim de no máximo uns 8000 km²: representa uma redução de mais ou menos 40 % da área proposta !

Ajueiti também dados demográficos (para constatar a drástica maneira de aumento demográfico nestes grupos tribais) e um estudo da vida econômica (para mostrar aonde que está o problema e como acho que pode ser melhorado).

Espero muito que este trabalho seja tomado em consideração na hora da demarcação final da reserva destinada à estes grupos Kayapó do Sul do Pará.

2. A E T N I A

2.01 AS ALDEIAS E A LOCALIZAÇÃO

O grupo Kayapó assunto deste relatório é o grupo chamado de Mẽkrãgnotí. Divide-se em 4 aldeias, das quais 2 estão localizadas dentro do Parque Nacional do Xingu, e as 2 outras na região da 2nda D.R. Da FUNAI. São estes os Pôstos Indígenas (de ordem de norte ao sul):

1. P.I.Baú (na 2nda D.R.)

Localizado no extremo Sul do Estado do Pará, na confluência do Rio Baú com o Rio Curuá (margem direita). População no fim de 1980: aproximadamente 60 índios.

2. P.I.Mekranotí (na 2nda D.R.)

Localizado no extremo Sul do Estado do Pará, na margem direita do Alto Igarapé Galça, afluente do Rio Xixê (que por sua vez é um afluente do Alto Rio Iriri). A aldeia esta situada à uns 120 quilômetros da base de Cachimbo (FAB, na Serra do Cachimbo). População em dezembro de 1980: 333 índios.

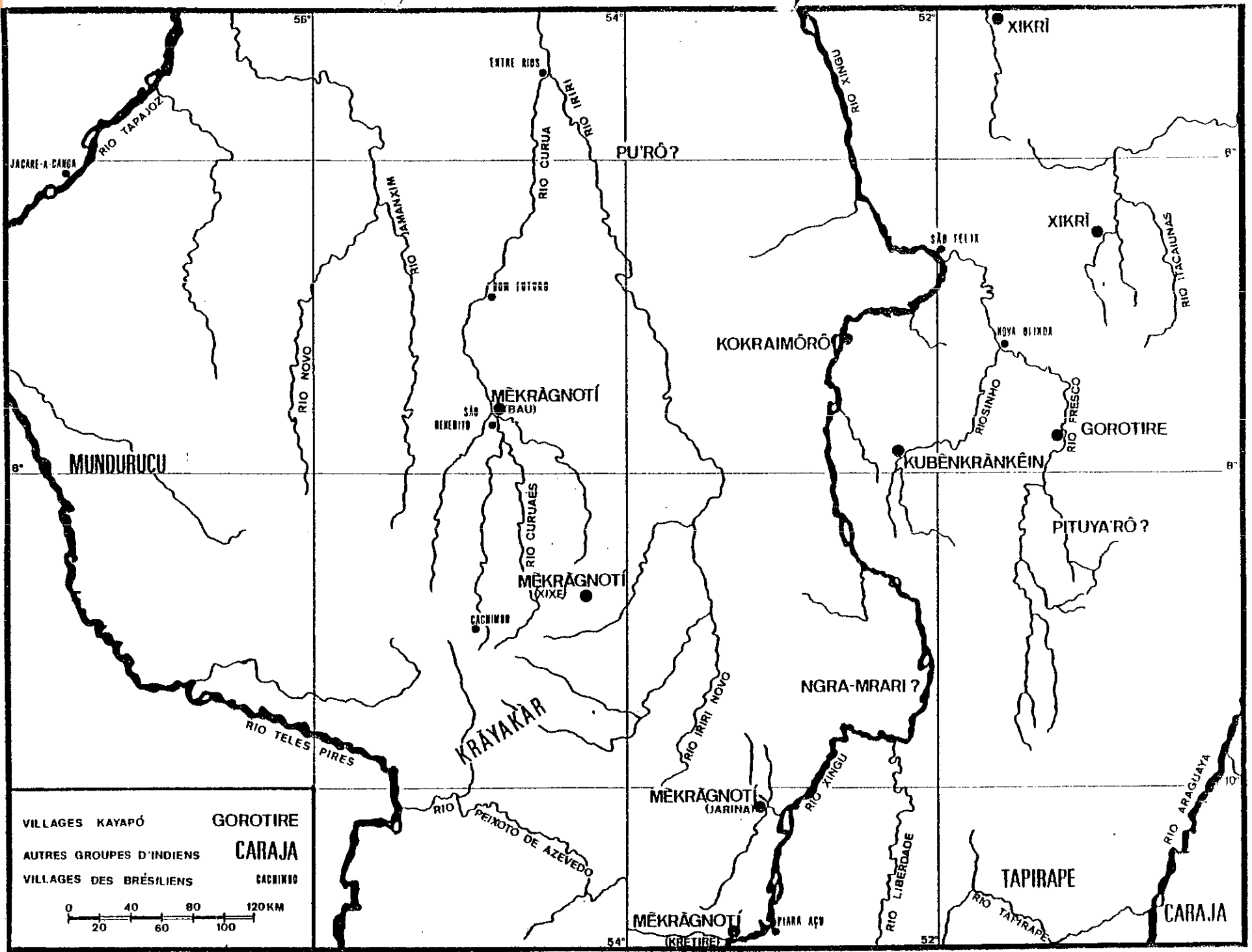
3. P.I.Jarina (P.N.Xingu)

Localizado no extremo norte do P.N.Xingu, Estado de Mato Grosso, na margem esquerda do baixo Rio Jarina (afluente do Rio Xingu), uns 20 quilômetros distante da Cachoeira Von Martius. População em dezembro de 1980: 108 índios.

4. P.I.Kretire (P.N.Xingu)

Localizado no norte do P.N.Xingu, Estado de Mato Grosso, na margem esquerda do Rio Xingu, uns 3 quilômetros rio-abaixo da confluência do Rio Ahuaia Missú, e uns 20 quilômetros rio em

Fig. I Mapa das aldeias Mekranoti (-txukarramãe)



cima da BR 080. População no fim de 1980: aproximadamente 160 índios.

Na literatura e na FUNAI, as duas últimas aldeias são chamadas e mais conhecidas como aldeias Txukarramãe (ou Mětùktire). As origens dos nomes atribuídos à estes índios são:

-Txukarramãe (ou Txukahamaĩ): significa 'gente sem arco'.

Nome dado pelos índios Juruna aos Kayapó. Sendo os habitantes dos Postos Indígenas Jarina e Kre-tire os únicos Kayapó ainda a ter contato com os Juruna, passou-se em utilizar essa denominação exclusivamente para os habitantes dessas 2 aldeias;

-Mětùktire: significa 'gente preta'. Antiga denominação de uma sociedade dos homens na antiga grande aldeia Měkrãgnotí na época de 1930-1950. Kremôr (atual chefe no P.I.Jarina) era o chefe desta sociedade dos homens. Atualmente, porém, acha-se descendentes dessa sociedade dos homens nas 2 aldeias dentro do P.N.X. bem como no P.I.Mekranoti.

-Měkrãgnotí: significa 'gente com pintura de urucu na cabeça'. Nome do grupo Kayapó que se separou do grande grupo Gorotire por volta de 1900. Esse grupo deu origem às 4 aldeias aqui discutidas. Veja para isto mais adiante neste relatório (3.01).

O mais corrêto seria então de utilizar o nome Měkrãgnotí para as 4 aldeias. Para evitar qualquer confusão bem como de para facilitar a leitura deste relatório, continuarei à chamar os habitantes das aldeias P.I.Bau e

P.I.Mekranoti de Mẽkrãgnotí, e os habitantes das aldeias P.I.Jarina e P.I.Kretire de Txukarramãe.

2.02 A POPULAÇÃO: ASPÉCTOS DEMOGRÁFICOS

Incluí neste relatório um pequeno estudo demográfico das populações Mekranoti-Txukarramãe. A importância deste è triplo:

- 1º para notar a evolução demográfica neste grupo Kayapó;
- 2º para mostrar que, depois de uma caída drástica na população, estes índios estão numa fase de recuperação. Este fator è de grande importância para a extensão das áreas das reservas Mekranoti;
- 3º para confirmar as migrações e o contato intergrupai existente entre as 4 aldeias.

Por volta de 1940, o grande grupo Mekranoti, então unindo as 4 aldeias atualmente conhecidas, contava uns 800 à 900 habitantes. Esta estimação foi conseguida através de dados genealógicos, bem como através de dados fornecidos pelos próprios índios (nas quais eles compararam os tamanhos das aldeias antigas com aldeias Kayapó atualmente existentes).

Para melhor observar a evolução demográfica a partir de 1940, preciso tratar as 4 aldeias separadamente: P.I.Bau: os habitantes desta aldeia separaram-se do grande grupo Mekranoti por volta de 1943. Eram uns 200 índios. Depois dos primeiros contatos amicais com os Brasileiros ('pacificação' por F.Meireles em 1957), ocorridos no médio Rio Curuá, foram reunidos junto com um pequeno grupo de uns 50 índios Kayapó-Karara'ô. Mas naquela época (1957 - 1960), muitos desses índios morreram de doenças. De fato,

postos como este não eram tão facil de acesso naquela época. Também a falta de verbas resultaram numa fraca assistência médica. Para assegurar a sobrevivência, o S.P.I. decidiu em transferir os indios desta aldeia para um local mais afastado, sendo mais rio-em cima: o local do atual P.I.Bau. Isto aconteceu em 1960. A população do grupo naquele momento era só de 120 sobreviventes ! O grupo continuou diminuindo. Depois de uma fase muito crítica em 1968 (quando a população da aldeia era somente de 35 pessoas !) melhoraram-se as condições de assistência médica. Foi tambem depois desta data que alguns indios do grupo Kayapó-Karara'ô e um homem Mekranoti se juntaram à este grupo. Isso deu o resultado positivo que em 1980 encontra-se uma população de umas 60 pessoas nesta aldeia.

P.I.Mekranoti: sob liderança dos chefes Kretire e Bebgogoti, e 3 anos depois da 'pacificação' (efetuada pelos irmãos Villas Bôas em 1953), estes indios se separaram de um grupo atualmente chamado de Txukarramãe. Foram viver entre os Rios Iriri e Curuá, numa região muito isolada. Naquela época contavam uns 500 indios. Foram atraídos pelo S.P.I. por 2 expedições de F.Meireles no Pôsto Candoca (em 1959) e no Posto perto do atual P.I.Bau (em 1961). Nestes 2 locais, devido à falta de assistência médica adequada (veja o caso do P.I.Bau), muitos desses indios morreram. Especialmente crianças e velhos eram as vítimas deste impacto. Em 1964, uns 160 dos 350 (!) sobreviventes voltaram à juntar-se com os Txukarramãe (que viviam no P.N.

X.). Continuando vivendo muito isolados, e depois de uma grande epidemia de malária (tipo hepatites) com complicações (gripe), os Mekranoti desta aldeia contavam só 135 pessoas em 1968... Foi naquela época que melhorou a assistência médica, já que primeiramente missionários (1968) e depois agentes da FUNAI (1969 e 1973) começaram a trabalhar nesta aldeia, até então tão isolada e quase inacessível. Graças à esta isolação contínua, e a introdução da assistência médica, observei em 1974 uma população de 254 habitantes. Atualmente (dezembro de 1980) encontra-se nesta aldeia 333 índios !

Essa 'explosão' demográfica pode ser atribuída aos três seguintes fatores:

- 1º a isolação de quasi qualquer contato permanente até que missionários e agentes do órgão oficial se instalaram na aldeia;
- 2º a introdução de um bom esquema de assistência médica a partir de 1968;
- 3º a chegada de vários índios das aldeias Txukaramãe e P.I.Bau nesta aldeia. De fato, atualmente consta-se um total de aproximadamente 25 pessoas que migraram para este P.I. na última década. São migrantes dos seguintes Pôstos: P.I.Jarina (12), P.I.Kretire (9), P.I. Bau (2), P.I.Karara'ô (1) e P.I.Gorotire (1).

P.I.Jarina e P.I.Kretire: os Mekranoti chamados de Txukaramãe na literatura, foram contactados junto com os Mekranoti em 1953 pelos irmãos Villas Boas. Depois da migração dos Mekranoti para o Rio Xixê (1956) uns 200 índios ficaram na aldeia tradi-

cional. São estes os Txukarramãe. A metade deste grupo migrou em 1957-1958 para a aldeia Kubenkranken. Assim sendo, em 1964 constatava-se somente 80 restantes, aos quais se juntaram os 160 migrantes Mekranoti. Em 1970 houve uma separação resultando na formação das aldeias P.I.Kretire (uns 130 índios) e P.I.Jarina (uns 110 índios). Foi especialmente na época da separação destas 2 aldeias que várias pessoas migraram para o P.I. Mekranoti.

O grupo do P.I.Jarina continuava manter contatos com fazendeiros (p.ex. Agropexin). Sem agente da FUNAI ou missionário na aldeia, este grupo sofreu 2 epidemias consecutivas que mataram varias pessoas deste grupo, já pequeno. Assim em 1975, contava-se somente umas 90 pessoas neste P.I. Depois, com a instalação de um Pôstos ao lado da aldeia, a população aumentou de novo até 108 índios que encontrei em dezembro de 1980.

Refiro às figuras 2 (tabela) e 3 (gráficas) para melhor ver o resume da evolução demográfica Mekranoti-Txukarramãe na época 1940 - 1980.

Recapitulando, notamos que os Mekranoti contavam umas 900 pessoas na época quando ainda viviam isolados. Depois dos primeiros contatos 'pacíficos', ocorridos em 1953 para os Txukarramãe e um grupo Mekranoti, e em 1957 para o grupo do P.I.Bau, a população diminuiu sensivelmente. O grupo Txukarramãe vivendo no P.N.X. não realmente sofreu grande impacto devido à assistência adequada fornecida na área do Parque. As populações das aldeias P.I. Bau e Mekranoti ficaram naquela época sob a jurisdição da 2nda D.R. do S.P.I., onde a assistência era (devido

ano	P.I. Baú	P.I. Mekranoti	P.I. Jarina	P.I. Kretire	total (1)
1943	200	700			900
1953	200	700			900
1956-7	250 ⁽²⁾	500	100 ⁽³⁾		850
1964	100	190 ⁽⁴⁾	240 ⁽⁵⁾		530
1968	35	135	250		420
1970	40	180	110	130	450
1974	50	285	90	140	565
1980	60	333	108	160	660

Fig. 2: tabela indicando evolução demográfica dos grupos Mekranoti e Txukarramãe na época de 1940-1980.

Notas: (1) total das 4 aldeias

(2) sendo 200 Mekranoti mais 50 Kayapó-Karara'ô

(3) sendo que 100 índios do total de 200 migraram para a aldeia Kubenkrankêin

(4) sendo 350 índios menos 160 que migraram para os Txukarramãe

(5) sendo 80 Txukarramãe mais 160 índios Mekranoti

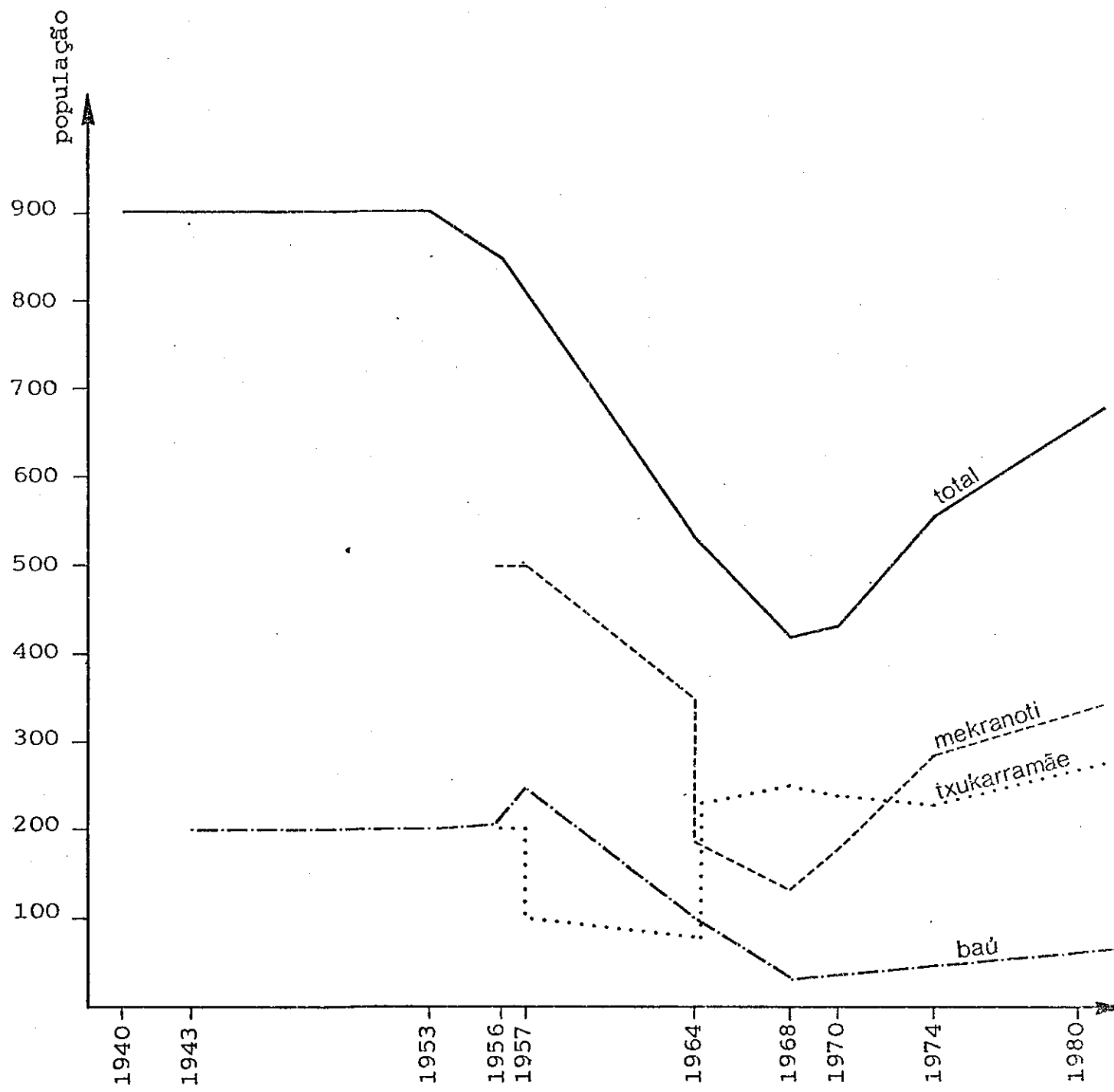


fig. 3. Gráfica da evolução demográfica dos grupos Mekranoti-Txukarramãe (na época 1940-1980).

à falta de verba e as grandes distâncias entre as aldeias) fraca. Era só em 1968 quando missionários e agentes da FUNAI iniciaram à dar apôio nesta região, que população destas 2 aldeias conseguiu aumentar de novo.

Também temos que considerar 2 fatores nesta análise: primo que uns 100 índios Txukarramãe migraram para a aldeia Kubenkrankin (1957) e que no mesmo ano uns 50 Karara'ô se juntaram aos Mekranoti do P.I.Bau. Mesmo assim, a população total Mekranoti-Txukarramãe sofreu grande impacto: nos primeiros anos depois da chamada 'pacificação', o número de índios das 4 aldeias baixou de aproximadamente 55 % !!!

Na última década, a população aumentou novamente. Sendo que atualmente o total dos habitantes nas 4 aldeias voltou à ser 70 % da população tradicional.

2.03 SOCIEDADE E ADAPTAÇÃO ECOLÓGICA

Uma aldeia Kayapó é tradicionalmente de forma redonda. No centro da praça situa-se a casa dos homens, e na periferia da praça acham-se as casas residenciais. O sistema residencial Kayapó é a uxorilocalidade. As casas são do tipo néo-brasileiro.

As aldeias Mekranoti-Txukarramãe são habitadas por 60 à 335 indivíduos (vê também 2.02). Em comparação com outras aldeias indígenas no Brasil, estas aldeias Mēkranoti parecem grandes. É conhecido porém, que os Kayapó, como a maioria dos grupos indígenas do tronco linguístico Jê, tinham num passado bastante recente, aldeias com uma população de até 2000 ou 3000 pessoas ! No caso Mekranoti já sabemos por exemplo que na época de 1936 - 1943 a aldeia contava umas 900 pessoas. Neste sentido, aldeias com 335 ou menos habitantes não podem ser consideradas aldeias 'grandes' para este grupo tribal. A maior aldeia que atualmente existe é a aldeia dos Gorotire (2nda D.R.) com uns 600 indivíduos.

Numa só casa habitam uma média de umas 10 à 20 pessoas. Cada aldeia Mekranoti constitui uma unidade independente das outras. Intercasamento entre os diferentes grupos são quasi inexistentes. Isto pelo fato do intercâmbio entre as aldeias ainda ser muito restrito, considerando as enormes distâncias entre estas (veja meu relatório sobre a missão de paz entre os Txukarramãe e os Mēkrãgnotí, de 23.06.1981 pp 20 etc). Também já que, como foi provado historicamente, uma vez que 2 aldeias se separaram, estas ficaram em relação hostil (vê 3.01).

Atualmente, com as aproximações dado os contat

tos com os Brasileiros, visitas de indivíduos ou pequenos grupos entre as diferentes aldeias tornam-se de mais à mais frequentes: pode-se dizer que por exemplo entre os Mekranoti e os Txukarramãe se nota uma média de uma visita por ano. Estas visitas geralmente se fazem na época seca, e são geralmente somente homens que viajam pelos longos caminhos, à pé de uma aldeia para a outra.

Com o sistema social e o sistema de parentesco Kayapó, pode-se dizer que quasi qualquer indivíduo tem parentes em qualquer outra aldeia. Assim, na época antes dos contatos amicais com Brasileiros, pessoas com problemas sociais ou politicos num dado grupo, costumavam mudar para um outro grupo. De fato, uma vez separadas 2 aldeias, estas viviam como 'entidades' em relação hostil. Não impediu porém de indivíduos ter bom relacionamento com outros grupos (onde ele também tem parentes). A razão de uma pessoa ser aceite num outro grupo, onde procura refúgio, depende da sua posição política e social (i.è. dos parentes dele).

A casa dos homens è a sede socio-politica da comunidade. Lá os homens se reúnem diariamente. Lá também eles fabricam os artefatos, os discursos pelos chefes e outras pessoas com influência são à ordem do dia e se discute as atividades econômicos e cerimoniais.

Os Kayapó-Mekranoti são tradicionais caçadores-coletores. Na época antes da chamada 'pacificação', estes índios habitavam grandes aldeias ao redor das quais se situavam pequenas roças. Eram quasi sémi-nômades: mais do que a metade do ano a população estava fora da aldeia. Razões para estas migrações no mato eram: grandes caçadas cerimoniais, colheta de frutas silvestras, grandes pescarias de timbo, expedições de guerra ou migrações para

áreas onde a caça era mais farta. A aldeia podia ser considerada como o local onde os grupos (políticos) se reuniram para poder celebrar as grandes cerimônias, para discutir os planos e para reagrupar-se em épocas de guerra.

Assim sendo, a área de perambulação Mekranoti-Txukarramãe era enorme ! Era pelo menos 4 vezes maior do que a atual área de perambulação das 4 aldeias juntas ! (vê artigo 7 neste relatório). Grandes pescarias com timbo, por exemplo, eram as vezes efetuadas à mais de 150 quilômetros da aldeia.

O centro do habitat tradicional dos Mekranoti-Txukarramãe era o kapôt. Esta è uma região de campo, quasi redondo, de uns 30 quilômetros de diâmetro e localizada entre os altos cursos dos Rios Jarina e Iriri Novo (vê appendice e a figura 14). Neste século, os Mekranoti construíram bem umas 15 aldeias principais nesta região de campo. Outras 15 aldeias foram construídas, espalhadas no mato, em áreas afastadas de até mais de 300 quilômetros deste kapôt !

Como veremos mais adiante neste relatório (3.02), notamos pouca alteração na adaptação ecológica e econômica dessas comunidades Kayapó. Os Mekranoti ainda vivem bastante tradicionalmente. Depois dos contatos com Brasileiros, vários fatores culturais que se observam nas aldeias Mekranoti, indicam a independência contínua e o contato sómente intermetente com a sociedade ocidental: - as migrações ainda são efetuadas regularmente (que seja migrações para pesca, para colheta de frutas silvestras, para caça em áreas mais fartas ou por razões cerimoniais). No caso do P.I.Mekranoti, os homens residem uma média de 4 à 5 meses por ano fôra da al-

deia;

- as colhetas ainda são organizadas;
- as roças ainda só fornecem a quantidade necessária para a sobrevivência da comunidade: não se faz ainda comercialização de produtos agrícolas.

Podemos concluir que nas últimas décadas poucas alterações foram notadas na cultura Mekranoti. O que difere realmente è uma adaptação às influências exteriores (i. è. à convivência com a FUNAI e outros Brasileiros). Por exemplo as migrações que tem uma tendência por ser executadas unicamente pelos homens, enquanto mulheres e crianças ficam na aldeia, perto do pòsto onde podem aproveitar da assistência médica fornecida pela FUNAI.

2.04. CONTATOS INTERTRIBAIS MEKLANOTI-TXUKARRAMÆ

Nesta parte do relatório, darei uma 'capita selecta' das relações intertribais entre as 4 aldeias Mekranoti-Txukarramæ. Dividi essa relação em 3 partes:

2.04.01. ENTRE OS INDIOS DOS POSTOS BAU E

MEKLANOTI

Os índios do P.I.Bau foram contactados em 1957 quando habitavam uma região uns 80 quilômetros mais ao norte do local do atual P.I. Eles foram transferidos para lá em 1960 quando a metade deste grupo já tinha succombido às doenças logo depois dos primeiros contatos amiais com Brasileiros (vê 2.02). Viviam naquela época em hostilidade com os demais Mekranoti.

Sr. F.Meireles contactou, com ajuda de uns homens do P.I.Bau os Mekranoti do Rio Xixê (o grupo atualmente do P.I.Mekranoti). Esse ato era o primeiro passo na aproximação entre os 2 grupos. Kokorêti, filho de Angme'ê (grande chefe do grupo Bau na época 1943-1958),

por exemplo, ficou no grupo do Rio Xixê onde casou-se com a filha do grande chefe Bebgogoti.

Atualmente com o número de sobreviventes no grupo de Bau muito reduzido (só umas 60 pessoas), esses temem sempre uma ação hostil do grupo maior de Bebgogoti. O medo para isto tem seus raízes nas antigas hostilidades. Motino, atual chefe no P.I.Bau, è o filho de Tàpiêt (grande chefe neste grupo na época 1930-1942). Esse último foi morto por membros do grupo de Bebgogoti. Motino assim teme uma ação igual contra a pessoa dele.

A realidade è, porém, que si Motino não dá motivo para os Mekranoti tomar uma ação desta, nunca ele sera morto por razão de vingância.

Quando, uma vez por ano, os Mekranoti vem no P.I.Bau na época da safra da castanha, os índios deste P.I. vem correndo para o agente da FUNAI no local para pedir de impedir a chegada dos Mekranoti. Dizem então que os Mekranoti pegam todos os produtos das roças deste grupo, já pequeno, e que estes índios abusam as mulheres do P.I.Bau.

Isto era um fato, até um certo ponto, até o ano de 1978. Mas nunca falava-se em hostilidade entre os grupos.

No meu relatório de 24.03.1977 (p. 5) eu já falei deste problema e fiz a proposta para que os Mekranoti fizessam suas próprias roças perto do P.I.Bau, evitando assim que os 60 homens Mekranoti usam as pequenas roças deste P.I.

Tudo mudou, porém, em 1977. Motino e seus homens tinham uns problemas internas no grupo. Logo depois, Kokorêti (ainda muito respeitado neste grupo) chegou lá com uns 6 homens, suas mulheres e crianças. Era para a

safrã das castanhas. Eles ficaram uns 6 meses no P.I.Bau. Reconstruíram a aldeia (de novo na forma tradicional redonda, já que aldeia era de forma de rua) e fizeram uma cerimônia completa (a primeira nos últimos 10 anos). Kokorêti e seus homens ajudaram os índios do P.I.Bau para fazer roças bem maiores.

Assim sendo, acalmaram-se todas as tensões entre estes 2 Pôstos Indígenas. Os Mekranoti quando vão no P.I. Bau levam suas famílias (já que tem bastante lugar nas novas casas, e que tem bastante comida para todos), e esta ação de Kokorêti aproximou muito as 2 aldeias.

Si a FUNAI dar uma melhor coordenação na época das castanhas, não tem razão nenhuma que impede que os Mekranoti podem ir tirar castanhas no Rio Bau. Para este problema da falta de coordenação para as safras, refiro ao meu relatório de 10.08.1979 (p. 12).

2.04.02. ENTRE OS MEKRAMOTI E OS TXUKARRAMÃE

Os Txukarramãe são os Kayapó com os quais os Mekranoti tem mais afinidade. Existe um bom relacionamento entre estes grupos, si bem que as vezes tensões aparecem (como era o caso em 1980). A conclusão minha à respeito de uma melhoração de entendimento entre estes 2 grupos foi descrita no meu relatório de 23.06.1981 (p. 20 etc.). Basicamente, sugiro que seja dada a possibilidade de mais conversas entre ambos os grupos. De fato, a razão principal de existir as vezes tensões entre 2 grupos Kayapó è a falta de conversa (contato) entre estes.

2.04.03. ENTRE OS TXUKARRAMÃE E OS INDIOS DO BAU

Entre estes grupos existe nenhum contato direto. Todas as informações sobre estas se passam via o P.I.Me-

kranoti, sendo este geograficamente localizado entre os grupos Txukarramãe e Mekranoti do Bau.

3. HISTÓRIA TRIBAL E OCUPAÇÃO DA ÁREA (P.I. Mekranoti).

3.01. HISTÓRICO TRIBAL NO SÉCULO XX

Não cabe neste relatório de dar uma descrição detalhada da história tribal Mekranoti. Mas considero esta de maior importância, já que compreendendo bem esta história (complexa) entenda-se a maior parte das problemas atuais destes índios. E não somente os problemas devido às tensões internas nos grupos, mas tão bem os problemas devidos às influências exteriores.

As datas aqui mencionadas são aproximativas. Mas várias destas datas pude verificar com dados bibliográficas, e assim estou seguro que a relação aqui fornecida constitui uma unidade bastante perto da realidade.

Por volta de 1900, um grupo de índios separou-se da grande aldeia Gorotire (que naquela época contava umas 1500 à 2000 pessoas). Esse grupo era chamado de Měkrãgnoti (sendo o nome da sociedade dos homens que se separou). Líder neste grupo era Motere. Um ano depois, mais um grupo seguiu os Mekranoti e se juntou à estes, assim formando uma aldeia de aproximadamente 300 à 400 índios.

Construíram sua aldeia numa área onde existe um pequeno campo, à margem oeste do Rio Xingu. Uns anos depois, e devido aos conflitos contínuos com os demais Gorotire, os Mekranoti mudaram mais para o Sul, onde acharam um outro campo (kapôt), pouco maior do que aquele que habitavam precedentemente. Este campo seria a partir de então, a base da área Mekranoti: era a região onde sempre vol-

taram. Lá onde todos os velhos Mekranoti foram enterrados, e onde a quasi maioria dos adultos atuais nasceram.

Em 1936 houve tensões na grande aldeia Gorotire. Foi na época que uns missionários procuraram contato com este grupo Kayapó. Devido à estas tensões, esse grande grupo dividiu-se num espaço de 2 anos, em 4 grupos:

- um grupo, dorenavante chamado de Gorotire pelos Brasileiros (por ser o primeiro grupo a entrar em contato pacífico), migrou para o Este onde foram contactados no mesmo ano;
- um grupo ficou no local tradicional. Esse grupo era chamado de Kubenkrankêin;
- um outro grupo dirigiu-se para o Norte, onde se espalhou em vários pequenos bandos que foram contactados na época de 1940 - 1968. Esse grupo è conhecido pelo nome de Karara'ô;
- o último grupo, de umas 150 pessoas, ficou sob liderança de Tàpiêt e seguiu o caminho dos Mekranoti. Em 1936-1937 juntaram-se estes 2 grupos.

Assim sendo, a aldeia Mekranoti contava naquele momento uns 700 à 800 indivíduos. De fato, o crescimento demográfico de um grupo em paz e numa época de 35 anos pode ser considerável: os Mekranoti eram uns 300 à 400 em 1900 e subiram até uns 550 à 650 em 1936 !

Nesta aldeia Mekranoti tinha 2 sociedades dos homens: o grupo Mětùktire (sob liderança de Kremôr e Krua-prêktí) e o grupo Mě-krùre (sob liderança de Tàpiêt, Angme'ê e Kretire).

Em 1943, um homem matou Tàpiêt. Este fato era o início de uma séria de tensões internas na aldeia, seguidas por brigas com borduna. Resultou na separação em 2 aldeias: O grupo Mětùktire travessou o Rio Xingu

e lá instalou-se num pequeno campo. O grupo Mẽ-krùre migrou para a região entre os Rios Iriri e Curuá (que os Mekranoti já tinham habitadas em 1920).

Os 2 grupos juntaram-se de novo em 1946. Mas as brigas internas começaram novamente. Assim foi que Angme'ê partiu com um grande número de homens Mẽ-krùre. Eles se instalaram no Rio Curuá. São estes os índios que atualmente conhecemos como os Mekranoti do P.I.Bau.

Kremôr partiu com seus Mětùktire para a margem direita do Rio Xingu e de lá atacou 2 vezes os Tapirapé. Kretire e Bebgogoti ficaram com um grande grupo (sendo os homens que pertencerem às 2 sociedades dos homens - Mětùktire e Mẽ-krùre -) na aldeia tradicional no grande campo (kapôt).

Em 1948, Kremôr voltou para juntar-se com o grupo de Kretire e Bebgogoti. Quatro anos depois um grupo de homens Mekranoti contactou os Juruna. Estes informaram os Mekranoti que os Villas Bôas iam visitar-los uns meses depois. Mais tensões internas resultaram depois que Kremôr instalou-se na beira do Rio Xingu, perto da Cachoeira Von Martius, enquanto que Kretire e Bebgogoti sempre ficaram na aldeia tradicional.

Foi nesta época que os irmãos Cláudio e Orlando Villas Bôas conseguiram contactar ambos os grupos. Os irmãos conseguiram juntar as 2 aldeias - porém temporariamente, já que em 1954 Kremôr partiu de novo para voltar à conviver com os demais o ano depois. Em 1955 deu-se a separação definitiva: Kremôr ficou no campo, enquanto que Kretire e Bebgogoti migraram para a região entre os Rios Iriri e Curuá (notamente perto do Rio Xixê, o local do atual P.I.Mekranoti).

Como já foi mencionado anteriormante (vê 2.02),

em 1964 um grupo consideravelmente grande (160 pessoas) da aldeia Mekranoti partiu para juntar-se ao grupo de Kremôr. Este vivia dentro do P.N.Xingu e o grupo dele era mais conhecido como Txukarramãe. Em 1970 deu-se finalmente a separação no grupo Txukarramãe: Kremôr e Krumare voltaram para o Rio Jarina (mais perto do campo, kapôt) e Rob-ni (Rauní) migrou para o Sul, para ficar mais perto de Diauarum.

Atualmente os índios dos P.I.Jarina e P.I.Kretire falam em reunir-se de novo numa só aldeia. Esta seria localizada uns 50 quilômetros rio-abiaxo do local onde a BR 080 corta o Rio Xingu.

3.02. OCUPAÇÃO E PERAMBULAÇÃO

O objetivo nesta parte do relatório é de fornecer dados à respeito da ocupação do território pelos índios, bem como de indicar as áreas de perambulação. Subdividi esta análise conforme o tipo de ocupação e motivos de perambulação.

3.02.01. A CAÇA

Os homens são os caçadores. Nas épocas antes da aproximação com a sociedade Brasileira, as armas principais eram arco e flecha, borduna e já desde 1940 a espingarda. Naquela época, a área de perambulação destes índios era enorme: pelo menos 4 ou 5 vezes maior do que atualmente ! Assim sendo, nunca tinha falta de carne. Em nenhuma área eles ficaram tanto tempo que podiam sentir que a caça estava começando à esgotar-se.

Atualmente, a posição é bem diferente. Com a instalação de um posto ao lado da aldeia, os índios Kayapó não trocam mais de aldeia de base. Até um certo ponto eles ainda podem ser considerados como sémi-nômades,

mas eles sempre voltam para a mesma, única aldeia (lá que antigamente sempre voltaram para uma mesma região na qual construíram uma série de aldeias). Agora sempre voltam para o posto que è um ponto de atração e de assistência médica.

No caso do P.I. Mekranoti, notei que em 1974 não tinha problema para um caçador voltar com carne depois de uma caçada de algumas horas. Naquela época a aldeia estava no seu início de expansão demográfica (vindo de 135 índios em 1968 até 254 índios em 1974, sendo então que nesta última data muitas pessoas eram de idade menos de 6 anos, e assim eram consumidores restrintos de carne). Agora, 6 anos depois, considerando o aumento drástico da população (umas 80 pessoas à mais, i.è. um aumento de 30 % em 6 anos !), considerando que o grande número de crianças de 6 anos em 1974 tornaram-se nesta época pessoas com idade de 10 à 12 anos (e assim tornaram-se consumidores de carne) e considerando também que estes índios lá vivem no mesmo local já desde 1956 (i.è. durante uns 25 anos !), notei em 1980 que os caçadores cada vez tem que ir mais longe da aldeia para voltar com carne. Os índios atualmente sempre me perguntam: "nãr mrù ?" (onde esta a carne ?).

Caçadores já tem que ir bem longe, voltando só bem da tarde, para poder voltar com um animal. E isto tudo ainda è dificultado pelo esquema da escola implantado neste P.I. De fato, atualmente tem-se uma pequena escola ao lado do posto. Um professor da FUNAI lá da aula diariamente, com exceção dos sábados e domingos. De manhã se da aulas para as crianças e às 14 horas para os homens adultos. Os Mekranotí já anos pediram à FUNAI para ter esta escola, e estão muito contente que finalmente chegou

o professor prometido. A maioria dos homens entre 16 e 35 anos de idade vão quasi diariamente na escola. Mas os homens sabem que não podem ir caçar de manhã e estar de volta às 14 horas para assistir às aulas. Por isto que muitos deles já não caçam mais nestes dias de aula, sendo então para eles os dias de caça exclusivamente nos fins da semana. Varias pessoas já deixaram de ir nas aulas preferindo caçar e assim manter suas famílias. Não podemos esquecer que são justamente os homens com uns 25 à 35 anos de idade que tem o maior número de crianças à sustentar.

Em casos como por exemplo as 3 outras aldeias Mekranoti-Txukarramãe, esse problema è bem menos grave, já que uma grande quantia de proteínas são recuperados com a pesca. De fato, estas 3 aldeias são localizadas na margem de um rio maior. A aldeia do P.I.Mekranoti è situada na margem do alto curso de um igarapé, que não lhes provida bastante peixes (vê 3.02.02).

Assim sendo, a caça esta chegando ao ponto de ser meio problemático para estes indios. O seu sistema econômico precisa um reajusto que dentro do esquema atual è difícil de obter. Por isto, a caça è um dos motivos para justificar uma mudança da aldeia (que sugiro: vê 7.02.01).

Num estudo sobre as productividades de susten-são, elaborado pelo Prof. D.Gross e seus alunos, vê-se que os Mekranoti, ainda em 1978 (antes da instalação do sistema escolar), diariamente gastaram uma média de uma hora por homem adulto às caçadas. Isto è bastante elevado em comparação com outros tribos como Xavante e Canela (com uns 30 minutos diariamente) e Bororo (com uns 10 minutos diariamente).

3.02.02. A AGRICULTURA

Tradicionalmente, estes índios tinham suas aldeias principais no campo (kapôt) à uns 50 quilômetros lado noroeste do atual P.I. Jarina. Dentro desta região de uns 30 quilômetros quadrados, (vê 2.03) as aldeias situavam-se só alguns quilômetros uma da outra. Assim, construindo uma nova aldeia, posia-se aproveitar o usufruto das roças antigas. As roças erma, por razões de fertilidade da terra, geralmente situadas nas 'florestas de galería' (gallery forests). Naquela época, a agricultura não tomava uma posição muito importante no sistema econômico do grupo.

Atualmente a maioria das roças dos índios do P.I. Mekranoti se situam à menos de uma hora à pê da aldeia. São muitas as roças nesta área.

Esses índios cultivam (por ordem de importância) mandioca, batata doce, milho, bananas, cana de açúcar e mamaw. Plantam também tabaco e algodão. Produtos de importação recente são melancias, laranjas (1 pê), limões (3 pê) e mangas.

Algumas roças, porém, são situadas numa distância consideravelmente longe da aldeia: um grupo de umas 6 roças esta situada à uns 30 quilômetros da aldeia (rumo Este), umas roças à uns 15 quilômetros rumo Norte da aldeia, e mais umas 3 roças grandes à uns 55 quilômetros rumo nordeste da aldeia.

Os Mekranoti cultivam mais do que tradicionalmente era o caso. A principal razão è, primeiramente, o grande número de crianças nesta comunidade. Atualmente mais do que 57 % da população de 333 habitantes são pessoas com menos de 15 anos de idade ! São então pessoas não ativas na produção econômica, ou pessoas não capazes para auto-

sustensão. Este porcentagem è muito elevado. Podemos comparar com outros grupos tribais: no caso dos Bororo esta porcentagem è de 37 % e no caso dos Kamayura (em 1971) era de 44 % ...

Uma segunda razão para a observação que tem mais roças do que antigamente è a seguinte: antigamente os Mekranoti tinham roças espalhadas por todos os lados no habitat tradicional deles (sendo o kapôt). Atualmente, como vivem num só local, as roças ficaram mais concentradas numa só região. A área de perambulação deles também ficou mais restrinta, o que resultou na caída da produção da caça (vê 3.02.01) e assim os índios dependem mais e mais da produção agrícola.

3.03.03. A PESCA

No caso dos Mekranoti, sendo que esta aldeia è localizada na margem do alto curso de um igarapé, notadamente o Igarapé Galça, à uns 50 quilômetros à pê de um rio maior (o Rio Xixê), a pesca è uma atividade econômica bastante restrinta.

A pesca è geralmente feita com linha e anzol. Na época das primeiras chuvas, os homens também pescam em varios locais, nas pequenas lagoas ou nos igarapés, com timbó. Eles obtem assim uma grande quantidade de pequenos peixes (de uns 10 à 15 centímetros de comprimento). Para pescar mesmo, os índios tem que ir até o Rio Xixê. Este Rio tem uma largura de uns 50 metros no mínimo e tem agua correndo o ano inteiro (o que não è o caso do Igarapé Galça). Lá tem todos os tipos de peixes, em grandes quantidades.

A aldeias do P.I.Mekranoti è uma exceção. As 3 outras aldeias são localizadas na margem de um rio maior

(nesses casos os Rios Xingu, Jarina e Curuá). De fato, o P.I.Mekranoti è ainda a única aldeia Kayapó vivendo, como era de tradição, na margem de um igarapé, mato por dentro. Nas outras aldeias Kayapó a pesca tem uma importância maior do que a caça: a maioria das proteínas nestas aldeias são fornecidas pela pesca e não, como è no caso do P.I.Mekranoti, pela caça.

3.02.04. A COLHEITA

Na época antes do contato, os Mekranoti fizeram várias grandes viagens no mato e no campo para colheita de frutas silvestres. Nos últimos 6 anos ainda ví várias vezes que grupos de índios, ou alguns indivíduos ficaram durante um certo tempo na mata para procurar uma certa fruta ou folhas de palmeiras. As frutas são a castanha, o babaçu e o jenipapo. Tais viagens no mato são também organizadas para procurar mel ou folhas de buriti.

A castanha do Pará è a fruta mais importante neste sentido. Embora dos índios colher estas para próprio consumo ao redor da aldeia ou das trilhas mais usadas, a FUNAI tem um projeto econômico (o único aliás) no qual os índios procuram castanhas que são levados pela FUNAI nas cidades para venda. Os índios são retribuídos pelos trabalhos (pagamento em conformidade com a produção).

Normalmente, cada ano na época dezembro-fevereiro, os índios Mekranoti dos Postos Indígenas Bau e Mekranoti são envolvidos à plena tempo nestes trabalhos. De fato, todas as aldeias Kayapó (com exceção dos Txukarramãe já que estes vivem dentro do P.N.X.) trabalham nas castanhas.

Darei aqui o que pude observar no P.I.Mekranoti à respeito e desde 1974:

- a safra de 1974 - 1975 :

Quando cheguei no P.I.Mekranoti em dezembro 1974, a maioria dos homens estava na área do P.I.Bau colhendo castanhas. Voltaram fim de janeiro, dizendo que não colheram quase nada porque ficaram esperando um mês a lancha da FUNAI (que vem de Altamira) e que ia trazer mercadorias como munição, material de pesca, farinha, etc., material necessário para a estadia de tantos homens fora da aldeia. A lancha chegou fim de fevereiro e os homens voltaram para o P.I.Bau (150 quilômetros em linha rêta do P.I.Mekranoti, o que representa uma viagem de uns 5 à 7 dias à pê). De fato, o único castanhal sendo explorado por estes índios naquela época era na região da confluência dos Rios Curuá e Baú.

- a safra de 1975 - 1976 :

Não tenho dados à respeito.

- a safra de 1976 - 1977 :

Novembro de 1976, os índios do P.I.Bau já tinham recebidos a mercadoria necessária para começar a safra. Assim, fim de dezembro, eles tinham acabados os trabalhos nos castanhais deles e começaram à trabalhar nos castanhais pertencendo aos índios do P.I.Mekranoti (cada castanhal tem o seu dêno !). Início de janeiro 1977, a FUNAI pediu aos índios do P.I.Mekranoti para ir trabalhar também. Estes já sabiam que os habitantes do P.I.Bau estavam já nos castanhais deles, não queriam mais ir. Bebgogoti enviou seu filho para parlamentar com Motino (o chefe no P.I.Bau). Bõtíre, filho do velho chefe Bebgogoti, voltou zangado do outro P.I., dizendo que Motino não mais queria que os outros Mekranoti venham trabalhar as castanhas lá. Que deveriam procurar outro local. Kokorêti (segundo chefe no P.I.Mekranoti e originalmente pertencendo

ao P.I.Bau) porém, foi cum um pequeno grupo até no P.I. Bau.

- a safra de 1977 - 1978 :

A segunda D.R. tinha percebida os problemas na região o ano anterior e queria evitar os mesmos acontecimentos. Por isto, pediram aos Mekranoti para não mais ir no P.I.Bau, mas sim no Igarapé Candoca (vê mapa, figura 1). Os Mekranoti já tinham tirados castanhas lá em 1959 para o S.P.I. Desde então eles não tinham mais idos lá. Os Mekranoti aceitaram, já que a FUNAI lhes prometeu a assistência necessária para os trabalhos. A 2nda D.R. assim atirou os índios Mekranoti até um ponto geográfico que eles não mais perambulavam, assim ampliando a área de perambulação destes índios,...

Eles foram, mas uma criança morreu numa cachoeira no caminho até o Rio Candoca. Este caminho è cheio de cachoeiras perigosas e os Mekranoti não são tradicionais navegadores. Tiraram poucas castanhas por ter chegados muito tarde na área.

- a safra de 1978 - 1979 :

A idéia do Rio Candoca (onde a 2nda D.R. tinha instalado o Posto Candoca !) não era um grande sucesso. Os Mekranoti consideraram o caminho até lá perigoso demais. Por isto que em 1978-1979, estes homens se dividiram em 3 grupos:

- 10 homens (juntos com mulheres e crianças) sob liderança de Kokorêti foram até o P.I.Bau. Este grupo conseguiu tirar só poucas castanhas já que houve uma epidemia (de gripe ?) na área do P.I.Bau. Mas graças à este grupo, os relacionamentos entre o P.I.Bau e o P.I. Mekranoti se relaxaram, para não dizer que este relacionamento melhorou tanto como nunca tinha sido antes.

- 30 homens (geralmente homens jovens) foram até no Posto Candoca. Chegaram início de janeiro no local. A lancha com a mercadoria chegou com um atraso de um mês. Os índios ficaram aborrecidos e voltaram sem ter trabalhado muito.
- 15 homens (os mais velhos) ficaram tirando castanhas no Igarapé Galça à uns 30 quilômetros da aldeia. Quando eles voltaram para a aldeia, chegou a notícia pelo rádio que a FUNAI pediu-lhes de transportar todas as castanhas até a confluência do Igarapé Galca com o Rio Xixê: lá deviam esperar a chegada do reboque que levaria as castanhas via o Posto Candoca até Altamira. A chegada do reboque era prevista para os primeiros dias. Os índios então assim fizeram e esperaram uns 10 dias a chegada do reboque. Este não vinha e os homens voltaram decepcionadas para a aldeia.

- a safra de 1979 - 1980 :

não tenho dados à respeito (me foi falado que os índios não foram trabalhar aquele ano).

- a safra de 1980 - 1981 :

os índios disseram que não iam aquele ano.

Não cabe neste relatório de analisar as razões da mudança de castanhal (do P.I.Bau para o Posto Candoca), nem de descrever o que decepcionou os índios nestes trabalhos (veja para isto meu relatório de 10.08.1979, pp. 12 - 15). O que nos interessa aqui è o fato que por problemas entre os P.I.Bau e P.I.Mekranoti em 1976-1977, a 2nda D.R. fez a proposta para os índios tirar castanhas numa área que estes índios não andavam mais. Assim sendo, a área de perambulação destes índios cresceu muito, já que o Posto Candoca fica à uns 160 quilômetros da

aldeia. O resultado è que agora os indios vão lá tambem em épocas fora das safras de castanhas (p.ex. em 1980 quando uns 6 homens desceram o Rio Iriri para caçar arara estes foram até o Posto Candoca !).

Isto enquanto, ao meu ver, a solução não era de procurar outro castanhal para estes indios, mas sim de melhorar o entendimento entre as 2 aldeias. Que aliás se fizeram espontâneamento: em 1978-1979 alguns Mekranoti foram até o P.I.Bau e as tensões entre ambos os grupos foram resolvidos pelos próprios indios. O resultado è que agora uma metade quer ir tirar castanhas no P.I.Bau mas outra metade quer ir no novo local (Posto Candoca).

3.03 AREA DE PERAMBULAÇÃO

Refiro para os mapas (figuras 5 e 6) onde são indicadas as áreas de perambulação destes indios. Indiquei tambem as principais trilhas para grandes distâncias.

Como já disse anteriormente (vê 2.03) os Kayapó são tradicionalmente sémi-nômades. Os Mekranoti ainda, na vida atual, fazem grandes migrações cerimoniais na época de chuva (outubro - maio). Essas migrações podem durar até 6 semanas ou 2 meses e aí os indios percorrem um grande trajêto, sendo até uns 70 quilômetros distante da aldeia (linha rêta).

O objetivo destas migrações è de colher bastante carne para os finais das grandes ceremênias. Durante estas migrações, a quasi totalidade da população da aldeia esta fôra da aldeia. As vezes, porém, só os homens vão no mato 'para ir mais rápido'. Assim, eles vão mais longe e mais rápido: voltam depois de umas 2 ou 3 semanas. As mulheres e crianças ficam então perto do posto da FUNAI onde podem aproveitar da assistência médica fornecida.

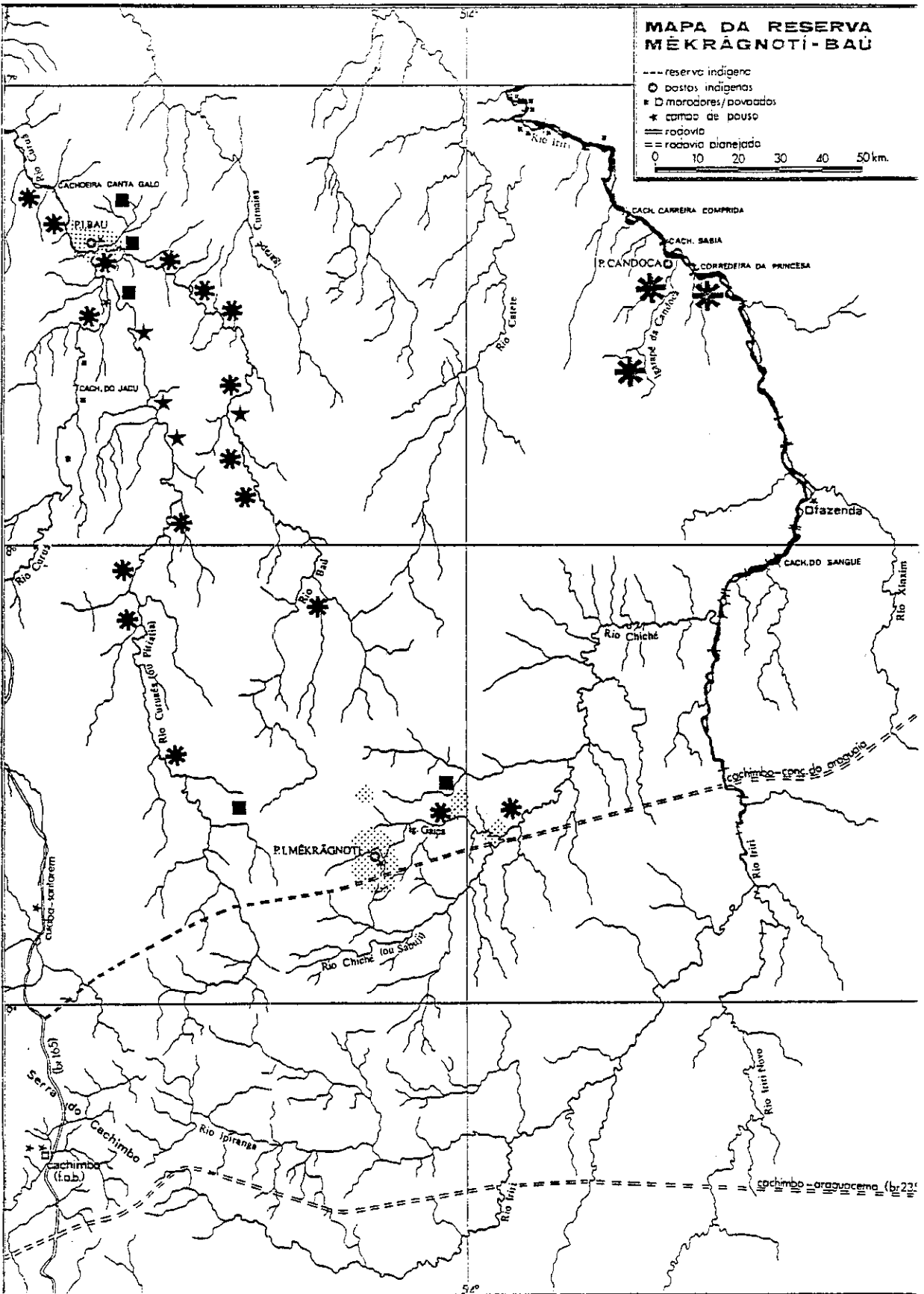


fig. 5 Mapa indicando áreas de castanhais e roças

- ⋯ áreas de grupeamentos de roças
- ✱ castanhais
- buritizais sendo explorados
- ★ castanhais e cocaís

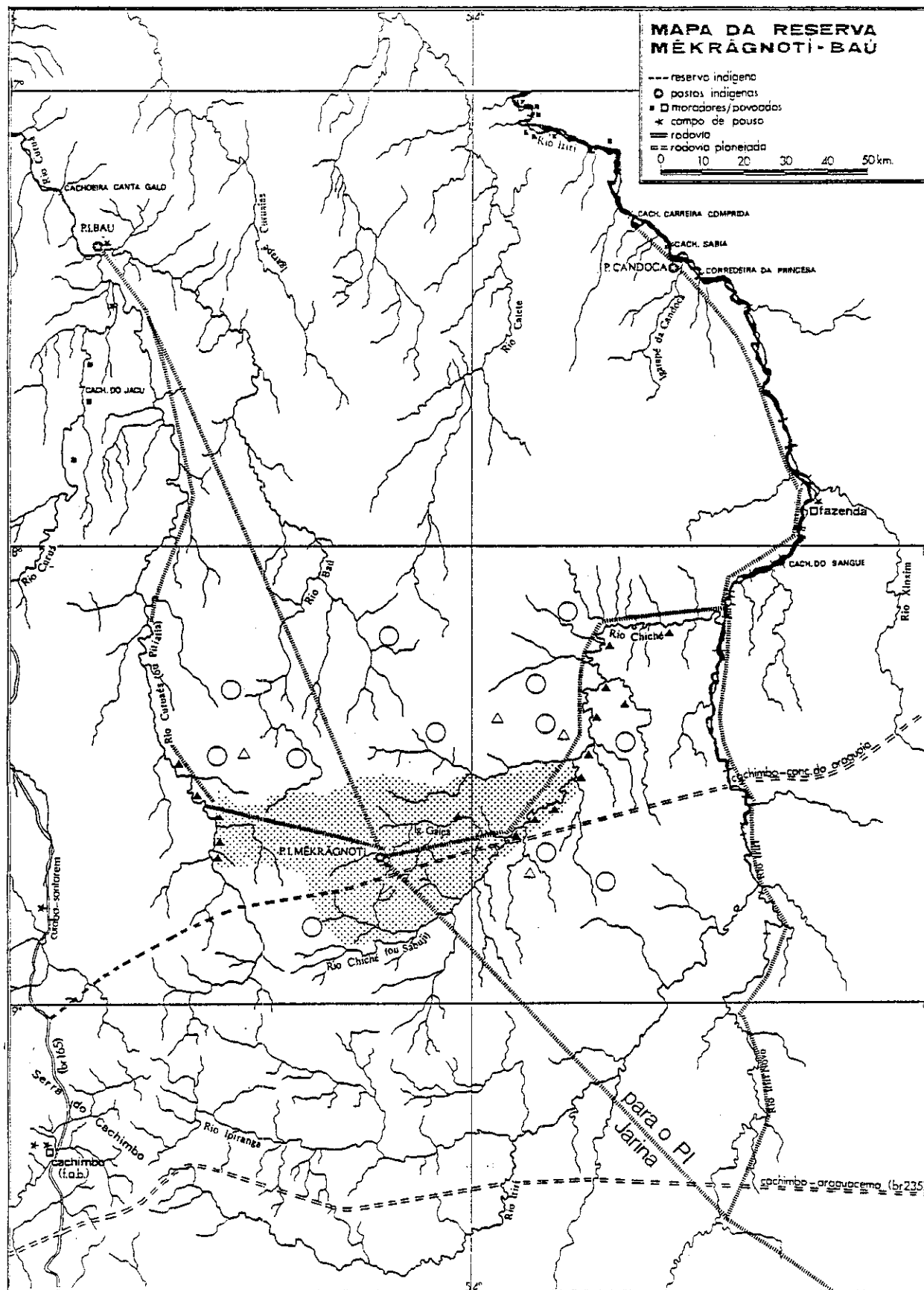


fig. 6 Mapa indicando áreas de caça, pesca e migrações.

———— caminhos dos índios até lugares afastados

..... área de perambulação constante

perambulação frequente {

▲ áreas de pesca

△ pontos de retorno de migrações cerimoniais (1974-80)

○ áreas de caça (afastadas da aldeia)

Na época sêca, os Mekranoti as vezes se dividem em vários grupos: um que fica na aldeia, outro que vai na direção do Rio Xixê (para pescar e ficar perto das roças ali) e mais outro que encaminha na direção do Rio Curuã.

Lá no mato eles ficam as vezes até 2 ou 3 meses. Voltam fim da época sêca para continuar os trabalhos nas roças.

No mapa (fig. 6) estão indicados as principais áreas destas migrações.

4. A S P R O P O S T A S E X I S T E N T E S P A R A A R E S E R V A M E K R A N O T I - B A U .

Ao meu conhecimento, existem atualmente já 5 propostas para reservas dos índios dos Postos Indígenas Bau e Mekranoti. Aqui segue uma relação destas:

4.01. A PROPOSTA NA DÉCADA DE 1960 (pelo S.P.I. ?)

A respeito desta, tenho sómente uma única referência que foi publicada no Boletim Informativo da FUNAI (nº 1º pp. 10):

"Na parte sul do município (rio Iriri) (i.è. o município de Altamira), distante da citada rodovia (Transamazônica), tendo como orientação duas áreas requeridas na década de 1960 mas não concedidas pelo Governo do Pará, esta requerendo a FUNAI uma única reserva com cerca de 8.900 km², para os índios Kubén-kran-noti (Kayapo) (i.è. Mekranoti) divididos em duas aldeias com 260 e 40 indivíduos respectivamente, sob o controle da FUNAI, estando a primeira em um local de difícil acesso pelo que no período de estio só é atingida por via aérea".

Não tenho nenhum dado concernando a escolha da área para esta reserva. As particularidades desta proposta são estas:

- que inclui uma só área para as 2 aldeias (Bau e Mekranoti);
- que a área total è de 8900 km² para uma população de 300 índios, o que significa uma média de 29 km² por indivíduo.

4.02. A PROPOSTA DE 1972 (FUNAI- 2nda D.R.)

Num mapa datada de julho de 1972, original da 2nda D.R. Da FUNAI, e publicado no livro "Tribes of the Amazon Basin in Brazil, 1972" (E.Brooks etc., pp 11), observa-se o seguinte: (vê mapa figura 7)

- que as áreas dos 2 Postos Indígenas (Bau e Mekranoti) foram separadas;
- que o P.I.Mekranoti esta fôra da área proposta para estes índios (o que poderia indicar que envisajava-se uma mudança desta aldeia);
- que a área para o P.I.Mekranoti estanda-se até o Rio Candoca (!);
- que os caminhos indígenas entre os 2 P.Indigenas foram excluídos;
- que para o P.I.Bau o território tradicional deste grupo (sendo a região do médio Rio Curuá, uns 70 quilômetros rio-abaixo do atual local) foi incluído;
- que os castanhais ao longo do Rio Baú foram incluídos, mas estas ao longo do Rio Curuaés foram excluídos;
- que a superfície da área è de aproximadamente 6000 km² para o P.I.Mekranoti (com uma população indicada naquela época de 135 índios !), e de 6000 km² para o P.I.Bau (com uma população na época de uns 55 índios). Significa uma média de 44 km² por pessoa na reserva do P.I.Mekranoti e de 100 km² (!!) por pessoa na área do P.I. Bau.

4.03. A PROPOSTA DE 1976 (FUNAI-DGPI)

No ano de 1976, o DGPI da FUNAI fez um levantamento da área, e elaboraram as propostas indicadas no mapa figura 8, com as seguintes particularidades:

- que as áreas dos Postos Bau e Mekranoti foram separados;
- que foram excluídos a quasi totalidade dos castanhais, cocais e caminhos indígenas entre ambos as aldeias;
- que foram excluídos várias áreas de perambulação dos habitantes do P.I.Mekranoti;
- que os Rios Xixê e Curuaés servem como limites para a reserva Mekranoti;
- que a área total era de aproximadamente 2100 km² para uma população de 280 Mekranoti (significando uma média de 7,5 km² por pessoa), e de 500 km² para uma população de 50 índios no P.I.Bau (sendo uma média de 10 km² por pessoa).

4.04. A PROPOSTA DE 1977 (G. Verswijver)

Pessoalmente, fiz uma primeira proposta em 1977 (vê meu relatório de 24.03.1977). Isto depois de já ter feito uns 12 meses de pesquisa de campo naquela área. As particularidades desta proposta (vê mapa figura 9) são:

- que as áreas dos 2 postos indígenas foram incluídas numa só reserva;
- que foram incluídos os caminhos principais entre ambos as aldeias;
- que foram incluídos uma grande parte dos castanhais e cocais ao longo dos Rios Bau e Curuaés;
- que foi excluído uma importante área de perambulação Mekranoti no baixo Rio Xixê e do lado Este deste Rio;
- que a área total era de aproximadamente 6000 km² para uma população em 1977 de 280 índios no P.I.Mekranoti e

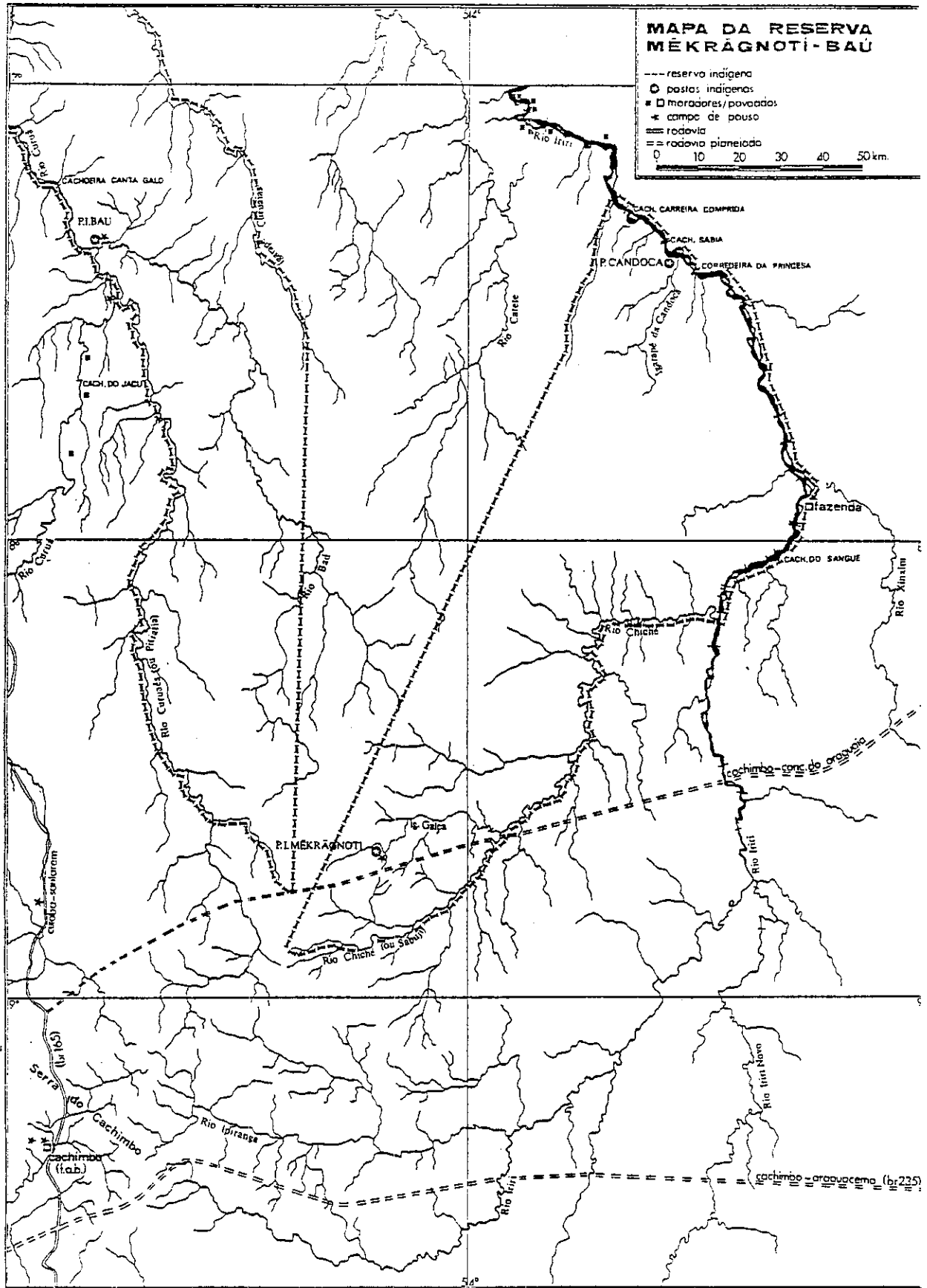


fig. 7 A reserva proposta em 1972

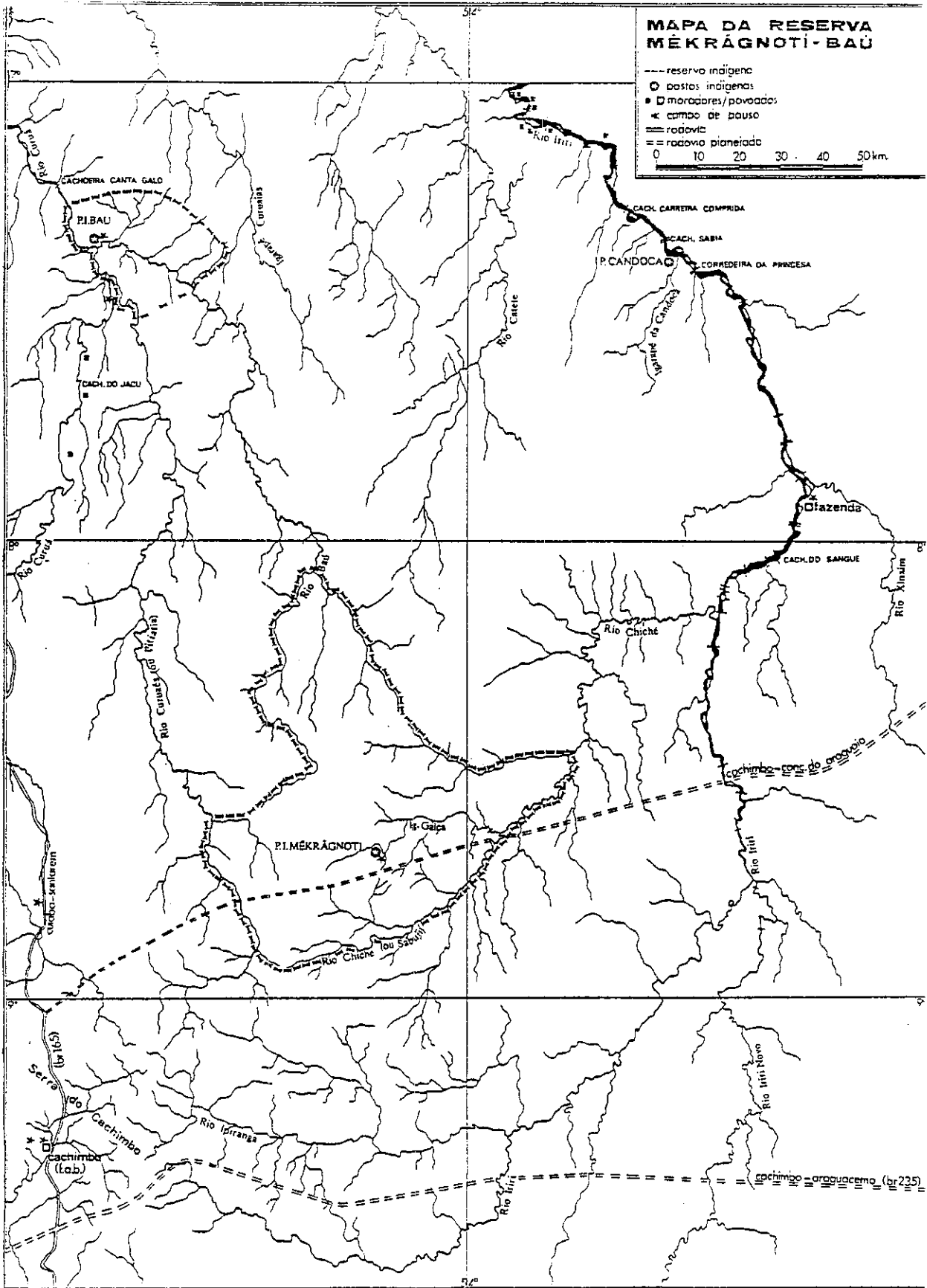


fig. 8 A reserva proposta em 1976

de 60 índios no P.I.Bau. Total então de 340 índios. Significa uma média de 17 km^2 por pessoa.

4.05. PROPOSTA DE 1979 (G.Verwijver)

Fiz esta proposta depois da 2nda D.R. ter criado o Posto Candoca, bem fora da área de perambulação destes índios. Como já citei, a criação deste posto aumentou de forma radical a área de perambulação dos Mekranoti. As particularidades desta proposta (vê mapa figura 10) são:

- que inclui a quasi totalidade das áreas de perambulação dos índios de ambos os postos indígenas;
- que tem como limites linhas secas distante uns 7 quilômetros dos Rios Iriri e Curuaés;
- que inclui ambas as aldeias;
- que a área total è de aproximadamente $13\ 500 \text{ km}^2$ para uma população total de uns 380 índios (sendo 320 no P.I.Mekranoti e 60 no P.I.Bau). Significa uma média de 34 km^2 por pessoa.

4.06. RECAPITULAÇÃO

Recapitulando, indiquei no tabela (figura 11) as particularidades mais importantes (referentes à extensão da área, à população naquele momento.

Incluiu também já uns dados sobre a proposta que farei no final deste relatório, sendo então uma proposta de uns 7800 km^2 , o que significa uma área média de 20 km^2 por pessoa.

ano	proposta pelo	EXTANSÃO DA ÁREA (em km ²)			POPULAÇÃO NA ÉPOCA			ÁREA MÉDIA POR PESSOA (em km ²)
		P.I.Mekranoti	P.I.Bau	Total	P.I.Mekranoti	P.I.Bau	Total	
-1960	S.P.I.(?)	---	---	8900	260	40	300	29
1972	FUNAI (2nda D.R.)	6000	6000	12000	135 ⁽¹⁾	55	190	63
1976	FUNAI (DGPI)	2100	500	2600	280	55	335	8
1977	G.Verswijver	---	---	6000	280	55	335	17
1979	G.Verswijver	---	---	13500	320	60	380	34
1981	G.Verswijver	---	---	7800	333	60	393	20

Figura 11: tabelo recapitulando os dados principais das 5 propostas existentes, bem como da nova proposta.

Nota: (1) foi indicada uma população de 135 Mekranoti em 1972, lá que a população era de fato uns 200 habitantes. Isto quer dizer que a área média por pessoa (em km²) para aquela proposta era de 46 em vez de 63 !

5. MODIFICAÇÕES RECENTES NA ÁREA5.01. O POSTO CANDOCA

Já citei inúmeras vezes este posto neste relatório. De fato, este posto è um dos problemas maiores na área Mekranoti e Bau.

Como já expliquei no meu relatório de outubro 1978 (vê tambem 3.02.04), fim de 1977 a FUNAI (2nda D.R. de Belém) pediu aos Mekranoti de ir tirar castanhas na região do Rio Candoca, afluente do Rio Iriri. A 2nda D.R. instalou um posto na boca deste rio . O posto era chamado de Posto Candoca. Em 1980 habitava lá uma família, sendo o homem (Sr. João Ubaldo Matias) um trabalhador brasal para a FUNAI.

Quando junho 1978 houve um grande incêndio na aldeia Mekranoti, o Delegado da 2nda D.R. pediu para estes indios si eles não queriam mudar de vez para um local perto do Posto Candoca, onde o acesso por via fluvial seria bem mais fácil. Os Mekranoti recusaram, e construíram uma nova aldeia (maior) no mesmo local da antiga.

Os motivos para os indios Mekranoti ter recusado são bem claros. Em 1958 o S.P.I. fez um posto de atração para estes indios, logo naquele local. Os Mekranoti foram lá, viver um ano. Ficaram esperando a ajuda prometida. Mas por falta de assistência médica, muitos deles (quasi 25 % da população de 500 indios) morreram lá. Os Mekranoti, è óbvio, não esqueceram esta página triste da história deles. Por isto que dificilmente mudarão para o Rio Candoca !

Do outro lado, a partir de 1959, os Mekranoti não tinham mais idos até o Rio Candoca. Com a abertura do novo Posto Candoca, e pelo fato dos indios já ter ido

2 vezes até lá para a safra das castanhas, os índios atualmente começam à perambular esta área. Assim, em 1979 observei por 2 vezes que alguns homens desceram o Rio Xixê e o Rio Iriri, de canoa. Em 1980 mais uma vez uns 6 homens foram de canoa até o Posto Candoca. O objetivo destas viagens è a caça, pesca ou caça de araras (que tem demais na região do Rio Iriri).

Em 1979, também, um grupo de homens Mekranoti foi até o Posto Candoca na época seca para lá construir um campo de pouso. Foi a 2nda D.R. que tinha pedido aos homens de ir lá.

O Posto Candoca, sendo localizado à uns 160 quilômetros em linha rêta (!) do P.I.Mekranoti, esta sendo o problema maior para a demarcação da área para estes índios. Para incluir-lò, eu mudei minha proposta para reserva inicial de 1977. Até então não existía este P. Candoca e os índios viviam bem na área que eu indiquei em 1977. Depois foi criado o P.Candoca, e para incluir-lo propôs em 1979 uma nova área, porém muito maior.

5.02. OS CASTANHAIS

Esse problema toca de novo no assunto do P.Candoca. De fato, um pouco rio-abaixo deste P.Candoca habitam uma série de famílias Brasileiras, ao longo da margem do Rio Iriri. Já em 1978 os Mekranoti tinham problemas com estes, quando perceberam que os Brasileiros estavam querendo enganar os indígenas na venda de castanhas. Quasi deu atritos e os agentes da FUNAI na área tinham que impedir uma ação hostil por parte dos índios.

Do lado do Rio Bau e Rio Curuaés, não tem nenhum habitante Brasileiro. Assim considero, para a paz na região, e para reduzir a área da reserva Mekranoti, que seria melhor para estes índios tirar castanha uni-

camente na região do Rio Bau-Curuaés.

5.03. AS CANOAS

Como indiquei nos meus relatórios de outubro 1978 e de agosto 1979 (p. 26), a existência do Posto Candoca (sendo este mais fácil de atingir por via fluvial) faz que atualmente os Mekranoti estão construindo bem mais de canoas como eram de costume. Assim, viajam mais no Rio Iriri do que antes era o caso.

5.04. PROBLEMAS ECONÔMICOS

No artigo 3.02.01, já indiquei a dificuldade cada dia maior, na área para a caça. Os índios já habitam a mesma região por 25 anos, e a caça na região esta ficando difícil. A implantação de uma escola dificulta os homens adultos para ir acaçar e estar de volta antes de 14 horas (horário das aulas).

Do outro lado, já várias vezes que na época seca, a FUNAI (2nda D.R.) pediu para os índios fazer um trabalho para a melhora da área:

- em 1977 tinham que limpar o Igarapé Galça para possibilitar a navegação de lanchas da FUNAI até na aldeia. Os índios fizeram este trabalho enorme, mas nunca uma canoa chegou por perto: o Igarapé Galça è estreito demais, e sempre tem árvores caindo e bloqueiando o caminho;
- em 1979 foram pedidos para fazer um campo de pouso para o Posto Candoca;
- em 1980 o chefe do Posto Indígena Mekranoti pediu para os homens desmatar uma grande área ao redor do posto para uma roça da FUNAI. Nunca foi plantada, e assim os índios, depois de ter feito o desmatamento, utilizaram uma parte da área para roças deles.

5.05. A SAÚDE

A área do P.I. Mekranoti tem uma grande vantagem: è de estar muito isolado. E isto claramente ajudou na recuperação (demográfica) desta comunidade.

Mas o problema do outro lado è da aldeia ser localizada na margem de um pequeno Igarapé. Na época sêca, este Igarapé se reduz até umas pequenas 'lagóas' de água misturada com barra: não tem mais água correndo. Os índios tem que feazer burraco para tirar água potável. Mesmo assim, quasi cada ano surgem problemas de saúde nesta época: no fim da época sêca os casos de amoeba se presentam de uma maneira problemática.

Em outubro de 1980 por exemplo a amoeba pegou a forma de uma epidemia. A E.V.S. tinha que ser enviada no local.

5.06 CONCLUSÃO

A criação do Posto Candoca não trouxe muitas vantagens ou melhoramentos na região ou na situação econômica dos índios do P.I. Mekranoti. Como eu sugeri em 1977 no meu relatório uma solução não era de procurar uma nova área para tirar castanhas mas sim de melhorar o entendimento entre os habitantes dos P.I. Mekranoti e Bau. Este melhoramento de entendimento chegou em 1979, depois da 2nda D.R. ter criada o Posto Candoca.

Com a criação do Posto Candoca, pode-se dizer que a área de perambulação destes índios quasi que aumentou por 50 %. Por isto minha propsta enorme de 1979. Tirando o Posto Candoca, e dando o tempo aos índios para adaptar-se à nova, reduzida área de perambulação, creio que uma reserva pode ser criada para estas índios de um extensão de uns 8000 em veezes de 13500 km².

6. PROBLEMAS RECENTES NA ÁREA

6.01. A COMPANHIA MINEIRADORA SÃO BENEDITO

Como eu já citei no meu relatório de agosto de 1979, os índios do P.I.Bau expulsaram no ano de 1979 a Companhia Mineiradora São Benedito. Esta estava localizada na margem esquerda do Rio Curuá, uns 7 à 8 quilômetros rio-em cima do atual P.I.Bau. A Companhia estava lá localizada já antes de 1974, e no início os índios mantiveram boas relações com os trabalhadores e os responsáveis nesta pequena aglomeração Brasileira (a única aliás na área dos Mekranoti).

A maneira da ação dos índios do P.I.Bau, bem como algumas considerações à respeito já foram descritas no meu relatório anterior. Acho bem provável que problemas internas no P.I.Bau resultaram em tensões na área e assim incentivaram os índios à expulsar os Brasileiros da região. Infelizmente não tive ocasião para pesquisar mais sobre este ato dos índios.

O importante è, porém, de notar que existe a possibilidade dos índios aceitarem durante vários anos vizinhos Brasileiros perto do aldeamento próprio, e que de repente uma ação surge na qual estes vizinhos são expulsos. Refiro também ao caso análogo da fazenda Agropexin perto do P.I.Jarina que de repente foi expulso pelos Txukarramãe.

6.02. A FAZENDA NO RIO IRIRI

Esta fazenda esta localizada à margem direita do Rio Iriri, perto da boca do Rio Xinxim. Esta localizada em cima de um antigo local de uma aldeia dos índios Kayapó-Kokraxmôrô (índios estes que atualmente vivem na margem esquerda do médio Rio Xingu - 2nda D.R.).

A fazenda referida era nova em 1977 quando os índios do P.I.Mekranoti foram pela primeira vez tirar castanhas na região do Posto Candoca. Foi só assim que perceberam a existência desta fazenda que, repito, não teriam visitados (tão cedo) se a 2ª D.R. não tivesse instalado o Posto Candoca mais rio abaixo.

Já em 1978, na época do castanhal, os índios falaram em expulsar a referida fazenda. Foi o agente responsável no Posto Candoca (Sr. João Ubaldo Matias) que acalmou os índios. Na época de 1978 - 1979, soube de 3 vezes que os índios do P.I.Mekranoti queriam ir até esta fazenda para expulsar-la. Cada vez foi parado este iniciativa já que agentes da FUNAI e eu mesmo (por 2 vezes), conversando demais com os índios, conseguiram manter os índios na aldeia.

Em 1980, logo depois da minha chegada no P.I. Mekranoti (que era logo depois dos ataques dos Txukarramãe e Gorotire), uns 7 homens Mekranoti foram até o Rio Iriri para caçar araras. Saíram de um local no mato sem eu estar presente lá. Os índios desceram o Rio Iriri até o Posto Candoca. Não tomaram uma ação contra a fazenda já que esta encontrava-se vazia.

O problema é que com a criação do Posto Candoca, os índios perambulam a área do Rio Iriri até este posto. A tal fazenda fica na margem do Rio Iriri, e assim sendo os índios sempre passam lá. Uma ação indígena lá, no futuro, não é de negligiar.

6.03. VIZINHOS NA ÁREA DE PERAMBULAÇÃO

Observando as reações dos índios Kayapó nas últimas décadas, nota-se que os Kayapó dificilmente aceitam Brasileiros na sua área de perambulação. Cito

aqui alguns exemplos para mostrar as reações dos indígenas:

- a expulsão da Companhia Mineiradora São Benedito na região do P.I.Bau (1978-1979);
- a expulsão da fazenda Agropexin pelos Txukarramãe do P.I.Jarina (1978);
- em 1979 barulhos de motores na área do alto Rio Curuaés quasi incentivou os índios do P.I.Mekranoti em ir lá (com as consequências sem previsão);
- os últimos ataques dos Txukarramãe e dos Gorotire contra invasores ou pessoas perto da área de perambulação destes índios (1980);
- as ações dos Xikrin do P.I.Catete quando capturaram alguns trabalhadores de fazendas perto da reserva deles (1980);
- os múltiplos ataques dos Txukarramãe do P.I.Kretire contra os Brasileiros do antigo local Piara-açu (na beira do Rio Xingu) (1970 - 1980).

Em todos estes casos observa-se que os ataques foram feitos contra o que os índios consideram de invasores. Incluí certamente também pessoas que habitam perto da área de perambulação dos índios. Sendo que habita-se perto duma região desta, os índios vão lá visitar e isto pode, um dia ou outro, chegar até hostilidades.

Por isto sugiro que, em relação à demarcação de reservas para os índios Kayapó, seja demarcada uma área de uns 5 à 7 quilômetros fora dos reais limites da área de perambulação. Evita contatos frequentes dos índios com habitantes l^a.

7. U M A N O V A P R O P O S T A

7.01. A PROBLEMÁTICA DE UMA PROPOSTA PARA RESERVA

MEKRANOTI--BAU.

Nas circunstâncias atuais, não è fácil de dar uma proposta concreta para uma reserva Mekranoti-Bau.

São estes os problemas que enfrentamos atualmente:

- 1º a existência do Posto Candoca. Do meu relatório ficou óbvio que este posto esta distante demais da aldeia P.I.Mekranoti, e que a criação deste posto infelizmente ampliou de forma considerável a área de perambulação dos índios deste P.I. Serve atualmente como ponto de atração para os índios que antes não iam até lá. Assim os índios passam por perto de uma nova fazenda no Rio Iriri, o que um dia ou outro pode chegar até ser muito problemático;
- 2º o local do atual P.I.Mekranoti. Este esta situado entre os Rios Xixê e Curuaés. Concretamente deveria-se pegar estes 2 Rios como limites de uma eventual reserva. Mas isto implicará problemas num futuro próximo: os Mekranoti vão muito até o Rio Xixê para pescar e caçam também bastante na região da margem direita deste Rio. Si do outro lado do Rio Xixê vai ter fazendas, logo os índios vão entrar em conflitos com estes;
- 3º a incerteza referente à estabilidade das aldeias Kayapó. Historicamente foi provado que separações nas comunidades Kayapó eram frequentes. E ainda são: podemos ver, só nesta última década, que 3 novos grupos foram estabelecidos, sendo o P.I.Kikretum (separados do P.I.Gorotire em 1975), o P.I.Jarina (separados do

P.I.Kretire em 1971) e o P.I.Aúkre (separados do P.I. Kubenkrankin em 1979). Como mostrei no meu relatório de 23.06.1981 ('relatório sobre a missão de paz entre os Txukarramãe e os Mekranoti'), as separações apresentaram-se geralmente depois de tensões internas nas comunidades Kayapó. E isto geralmente em aldeias maiores com mais de uns 250 habitantes). No P.I.Mekranoti, em 1978-1979 a situação interna era de tal ponto tenso que os índios abertamente comaçavam à falar de uma possível separação no grupo. Por isto è que tem-se de demarcar uma área bastante grande para poder abrigar uma eventaul nova aldeia;

7.02. MODIFICAÇÕES NA ÁREA

Para poder demarcar uma área menor do que minha proposta de 1979, sugiro umas modificações na área. Estas podem parecer como interferências, mas são para o bem dos índios na região. Melhorarão a saúde da comunidade, e ajustarão o sistema econômico atualmente numa fase difícil. Diminuirá também a área de perambulação destes índios, atualmente grande demais.

7.02.01. A MUDANÇA DA ALDEIA

Antigamente, aldeias Kayapó eram habitadas durante no máximo uns 5 anos. Eram localizadas nas margens de igarapés. Depois de um certo tempo, mudaram para um novo local, as vezes não muito distante da aldeia anteriormente habitada. Na época atual, com a instalação de postos ao lado das aldeias, os Kayapó tornaram-se mais sedentários, no sentido de ainda continuar as migrações no mato, mas de sempre voltar para o mesmo local: a aldeia perto do posto.

Em todas as aldeias Kayapó o fato de ser mais

sedentário não trouxe muitos problemas já que estas aldeias são atualmente localizadas nas margens de Rios maiores e assim a pesca resolve uma grande parte da recuperação de proteínas. O caso Mekranoti è a única exceção ! Esta aldeia è a única de , conforme as tradições tribais, ser localizada na margem de um pequeno igarapé, apenas navegável na época de chuva e sêco na época de sêca. Assim tem-se problemas para banhar e achar água potável.

A caça, como citei no artigo 3.02.01, esta ficando problemático na área e naquele local quasi não existe possibilidade para pesca (assim obtendo proteínas pela pesca em vez de pela caça).

Em 1979, um grupo de indios no P.I.Mekranoti estava considerando uma mudança da aldeia atual. Como motivo maior deram justamente a dificuldade da caça e a impossibilidade de pesca. De fato, eles mesmos observaram que a caça pode (e deveria) ser substituída em grande parte pela pesca. E isto, como temos observados em outros grupos Kayapó; pode tornar os Mekranoti mais sedentários.

Naquela época os Mekranoti consideraram migrar para uns locais nas margens dos Rios Iriri ou Xixê. Falaram que um grupo ficaria na aldeia atual e um outro grupo iria viver na margem dum dos dois Rios referidos.

A mudança não se efetuou por 3 razões:

- 1º a resistência de umas pessoas velhos de mudar do local atual;
- 2º uma turma de jovens que reclamavam de mudar logo depois ter construído uma nova aldeia (1978) e uma pista (um campo de pouso) enorme de 1250 x 25 metros (tudo feito à mão que levou mais de um ano !);

3º do medo dos índios de mudar para um local e de ficar (mesmo que seja para uma certa época) sem assistência médica e outra da FUNAI.

Observando tudo isto, sugiro que os Mekranoti mudam para o Rio Xixê e não para o Rio Iriri, pelas seguintes razões:

- 1º eles sempre falam do Rio Xixê como uma região farta em caça e pesca;
- 2º o Rio Xixê pode ser considerado o Rio dos Mekranoti, e dificilmente (para não dizer impossível) que eles vão, mesmo mudando para o Rio Iriri, deixar de vir sempre para o Rio Xixê. Assim, dificilmente que pode ser excluído de uma eventual proposta de reserva, enquanto que o Rio Iriri mais para baixo pode;
- 3º os Mekranoti já tem algumas pequenas roças na margem do Rio Xixê (vê artigo 3.02.02);
- 4º è um rio onde tem agua correndo o ano inteiro (e isto evitará problemas de saúde como disenteria);
- 5º eles temem de viver na beira de um 'grande rio' onde eles pensam que dá mais doenças. O Rio Xixê è um rio de porte médio;
- 6º evita que mudaraõ para a beira do Rio Iriri onde inevitavelmente entraraõ em conflitos com fazendeiros.

Mas o que precisa para esta mudança è de poder assegurar aos índios Mekranoti a certeza que a FUNAI dará todo apõio necessário para uma tal mudança. Este apõio consisteria em enviar um enfermeiro (com uma farmácia consistente) junto com os homens que irãõ construir a nova aldeia e preparar as roças ali. Isto enquanto que um outro enfermeiro ficará no local da aldeia atual, junto com as mulheres, crianças e os velhos ali. Outra maneira de assistência è de enviar o material necessário

(como machados, machetes, cavadores etc.) para os trabalhos, bem como ajuda na construção do novo campo de pouso.

Repito que considero esta mudança para o bem dos próprios índios Mekranoti e que merece toda assistência requerida. Um ponto muito importante também que evitara uma mudança para o Rio Iriri já que assim a área de perambulação ficará de novo grande demais: incluirá de novo o Rio Iriri e também o Rio Xixê (significa um aumento de umas 50 % à área da reserva proposta).

7.02.02 O POSTO CANDOCA

Neste relatório ficou claro que a criação deste posto (exclusivamente para a safra das castanhas) trouxe mais problemas do que bem para os índios.

Sugiro que seja desativado este posto, criado pela 2nda D.R. e sem portaria conhecida na FUNAI em Brasília ! Os motivos são:

- 1º evita que os índios Mekranoti perambulam no Rio Iriri e assim enfrentam conflitos com fazendeiros;
- 2º diminuí a extensão de uma reserva com uns 40 % ;
- 3º os índios Mekranoti do P.I.Mekranoti podem atualmente voltar tirar castanhas na região do P.I.Bau sendo que os próprios índios resolveram (em 1978-1979) a tensão na área. Os Mekranoti sempre tiraram castanhas naquela região e as safras se provaram mais frutuosas do que estas na região do Rio Candoca !
- 4º sendo que assim diminuí a extensão da área para reserva, dá assim sendo a possibilidade aos índios de eles mesmos melhor ficarem nesta área.

Assim sendo, acho que desativando o Posto Candoca, evitará-se vários problemas no futuro e diminuirá-se

sensivelmente a área de perambulação (então também a área da reserva) Mekranoti-Bau.

7.02.03. AREA QUE OS MEKRANOTI CONSIDERAM DELES

A área que, ainda hoje, os Mekranoti-Txukarramãe consideram deles é enorme. Situa-se entre os Rios Curuá e Liberdade (afluente da margem direita do Rio Xingu), e entre o antigo posto do S.P.I. Posto Bonfim (na margem direita do Rio Curuá) até na área do P.I.Kretire. Em tudo esta área representa uma superfície de uns 50 000 km²! Inclui os locais de a quasi totalidade das aldeias antigas Mekranoti habitadas neste século. (vê mapa da figura 12).

E óbvio que é impossível de demarcar esta área toda para as 4 aldeias Mekranoti-Txukarramãe (com uma população total de 660 índios).

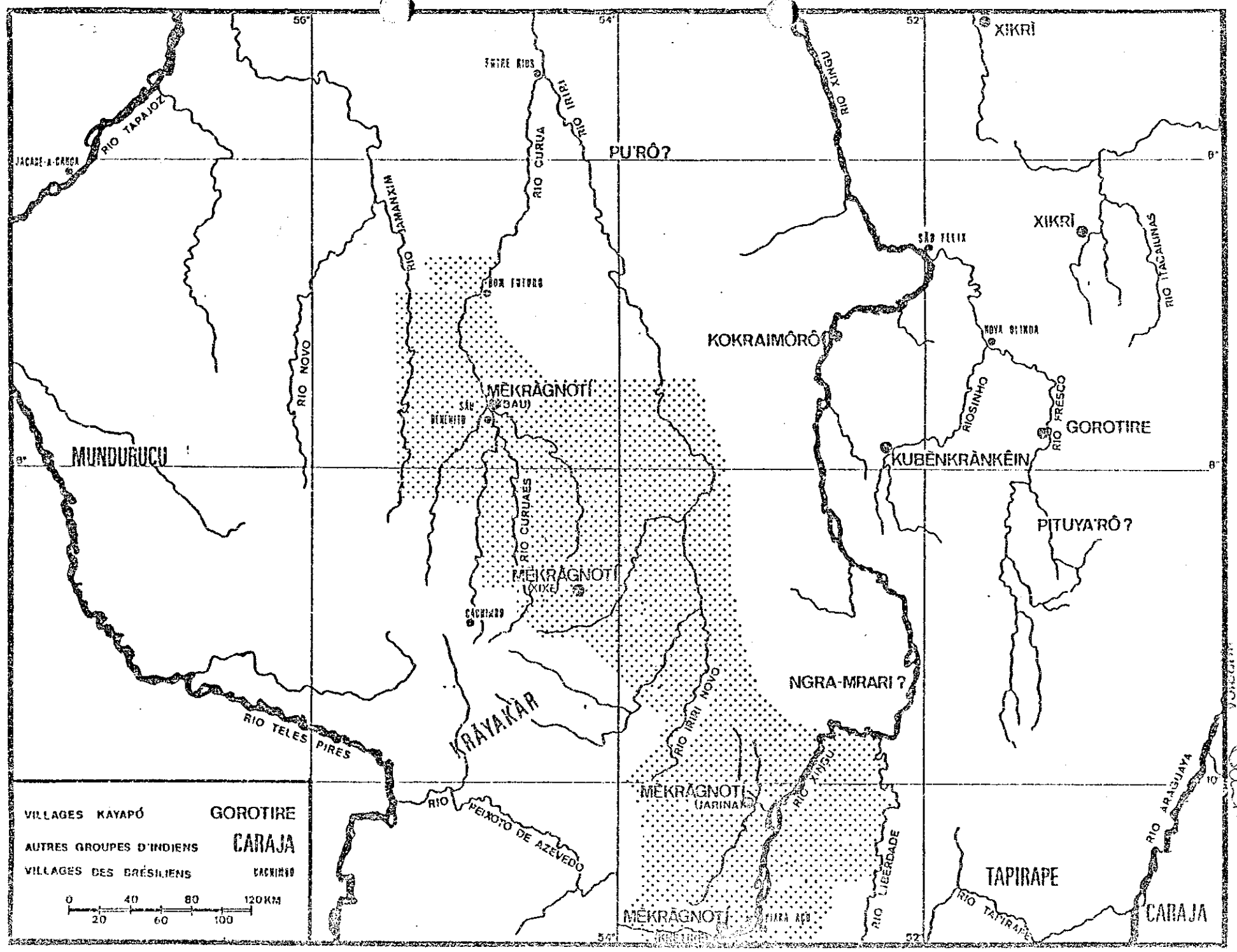
É preciso que se conversa com os índios sobre a situação atual em que vivem. Tem-se de explicar o objetivo da demarcação de uma reserva e da evidente impossibilidade que eles ficam com a terra total dos seus ancestrais.

Mas explicar e conversar não é indocinar. Infelizmente conheci pessoas que se metem em politizar os índios e que dizem para estes que tem de exigir mais terra. Ou, como as vezes acontece, pessoas para ganhar amizade dos índios tem medo de contra-dizer o índio quando este disse que seu povo quer recuperar a terra total dos seus ancestrais...

7.03. A RESERVA MEKRANOTI-BAU: NOVA PROPOSTA

Observando e tomando consideração de tudo que foi explicado neste relatório, cheguei à uma nova proposta. Isto já que, pessoalmente, achei a proposta de 1979 (feita por mim mesmo) grande demais. Procurei

Fig. 12 Área que os Mekranoti-Txukarranáe consideraram deles.



MS. 340 -58-

meios para reduzir a extensão de uma eventual reserva Mekranoti-Bau, sem assim criar possibilidades de conflitos no futuro com fazendeiros ou aglomerações Brasileiras na área.

Cheguei à conclusão da reserva indicada no mapa da figura 13 (pp. 60). É uma reserva que tem as seguintes particularidades :

- inclui ambos os Postos Bau e Mekranoti numa só área;
- inclui uma grande parte dos castanhais nas margens dos rios Curuaés e Bau;
- inclui vários cocais e buritizais;
- inclui a quasi totalidade da área de perambulação dos índios de ambos os Postos referidos;
- tem como limites os Rios Curuaés e Iriri-Xixê;
- requer a desativação do Posto Candoca, longe demais da aldeia Mekranoti e já que este aumenta a área de perambulação dos índios;
- é uma pequena alteração da minha proposta inicial de 1977 (sendo que inclui a região entre os Rios Iriri e Xixê, já que é área atual de perambulação e que envisaga-se uma mudança da aldeia P.I.Mekranoti para a margem esquerda (?) do Rio Xixê);
- é uma área com extensão de aproximadamente 7800 à 8100 KM², o que significa uma média de uns 20 KM² por pessoa. Assim sendo, é uma das propostas menores que foram feitos para estas 2 aldeias Kayapó.

Considero, após longa estudo das possibilidades e considerando a sobrevivência deste grupo tribal bem como a expansão demográfica drástica no P.I.Mekranoti, que esta área proposta é o mínimo para assegurar a continuidade desta tribo. Dará, do outro lado, a possibilidade aos índios para adaptar-se às novas exigências

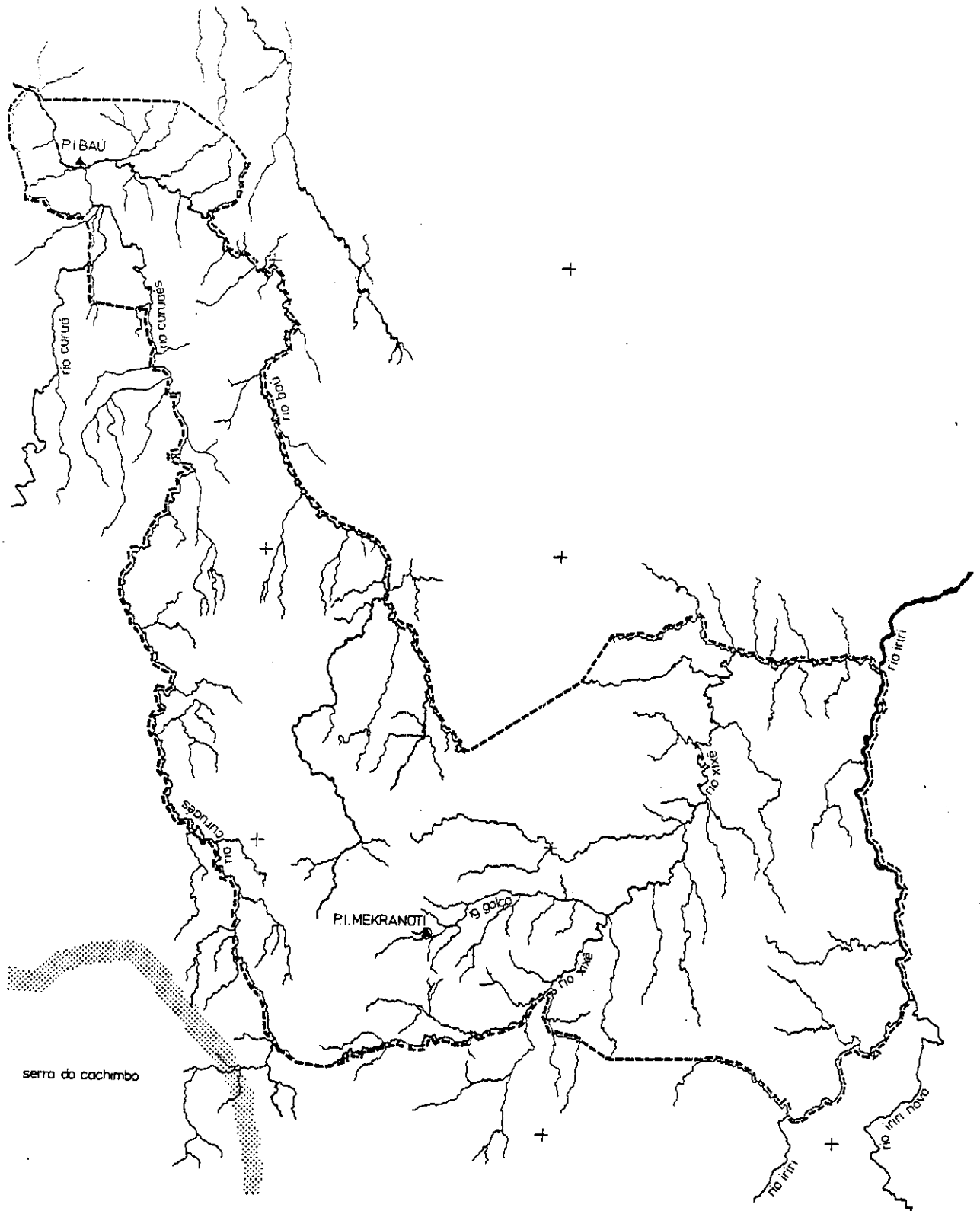


fig. 13 Mapa indicando a nova proposta para reserva dos indios Mekranoti dos Postos Indígenas Mekranoti e Baú (2nda D.R. da FUNAI).

sócio-económicas que se impõem.

8. CONCLUSÃO

Este relatório é uma análise das problemáticas existentes na área dos índios Mekranoti. Faço umas sugestões para melhorar a situação deste grupo tribal e procurei achar uma solução viável para uma reserva para as aldeias Mekranoti-Bau. Solução que seja praticável (tendo Rios como limites da área), sem exagêro de extensão da área (reduzi com mais de 35 % comprando com minha outra proposta de 1979), e aceitável pelos próprios índios (tendo que principalmente eles guardam a passagem até o P.I. Bau e que o Rio Xixê fica à seu uso quasi exclusivo). Si bem que creio que exiga umas concessões por parte dos índios, acho que é o mínimo que deveria ser demarcada como reserva para estes grupos indígenas.

Verswijver

Gustaaf Verswijver
(antropólogo)

Wilrijk (Bélgica), 10.07.1981

Encaminhe-se à CPC, solicitando
analisar os presentes relatórios.
Em, 07/08/81

MINISTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO
Assessoria Geral de Assessorias e Pesquisas

Joaquim de Sousa
Assessor Técnico Chefe